



Procedimento da nova **Apresentação Pública**, em que será exposta, aos cidadãos e associações interessadas, uma proposta para utilização imobiliária e implantação de área verde, no terreno localizado entre as Ruas Caio Prado, Augusta e Marquês de Paranaguá, nesta Capital.

(RESOLUÇÃO Nº 69/CADES/2002)

DATA DA APRESENTAÇÃO: **22/03/2012** - HORÁRIO: **18:00 horas**.

LOCAL: **HOTEL EXCELSIOR**

ENDEREÇO: **AV. IPIRANGA, Nº 770 – 23º ANDAR "AUDITÓRIO RINO LEVI", CENTRO.**

I – MESA DIRETORA – Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CADES e Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente - SVMA, Sr. Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho.

– Coordenadora Geral do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CADES – Helena Magozo.

II – DOS TRABALHOS

1. Formação da mesa.

2. Abertura dos trabalhos pelo Presidente

3. Exposição:

- Empreendedor do Projeto, **Sr. ANTONIO SETIN**, representante da empresa Setin Empreendimentos Imobiliários Ltda e **UBIRAJARA FREITAS**, representante da empresa Cyrela Brazil Realty - 30 minutos.
- Equipe responsável pela elaboração do Projeto, pelo **Sr. BENEDITO ABBUD**, representante da empresa Benedito Abbud Arquitetura Paisagística - 30 minutos.



- **Manifestação dos inscritos:**

- a. Entidades da sociedade civil – 5 minutos para cada exposição – máximo de 30 minutos.
- b. Manifestação dos presentes – 2 minutos para cada exposição – máximo de 60 minutos.
- c. Manifestação das autoridades – 5 minutos para cada exposição.

4. Comentários Finais dos expositores:

- Empreendedor do Projeto, **Sr. ANTONIO SETIN**, representante da empresa Setin Empreendimentos Imobiliários Ltda e **UBIRAJARA FREITAS**, representante da empresa Cyrela Brazil Realty, - 15 minutos.
- Equipe responsável pela elaboração do Projeto, pelo **Sr. BENEDITO ABBUD**, representante da empresa Benedito Abbud Arquitetura Paisagística – 15 minutos.

5. Encerramento da Apresentação Pública pelo presidente da sessão.

III – Os inscritos terão direito a uma única manifestação, observada a ordem da inscrição.

IV – A critério do presidente da sessão, os tempos de exposições e manifestações previstos poderão ser ampliados.

V – Para garantir o bom andamento da Apresentação Pública e a segurança dos participantes, a entrada de pessoas no recinto será permitida somente até o limite de sua lotação.



**Secretário Eduardo Jorge:** Boa noite a todos os cidadãos e cidadãs que acolheram esse convite da Prefeitura para debater essa proposta com relação ao licenciamento. Eu sou Eduardo Jorge, Secretário Municipal do Meio Ambiente. A Helena Magozo é a Coordenadora do Conselho Municipal do Meio Ambiente, que é o Conselho da cidade, que faz a votação do licenciamento das grandes obras, públicas e privadas, da cidade de São Paulo, todas elas passam por lá, obras como o Metrô, Operação Urbana Água Branca, e outras mais. Tudo isso tem que passar pela votação do Conselho Municipal de Meio Ambiente, onde estão representados pessoas eleitas pela comunidade da cidade de São Paulo e representantes de órgãos públicos. Antes de passar a palavra para a Helena Magozo, que vai coordenar o processo, eu pedi para ela fazer duas observações que são importantes para que esse nosso encontro seja tranquilo e positivo. A primeira observação, a legislação brasileira ambiental, que é uma legislação muito progressista, e que surgiu com a saída do país da ditadura militar, na Constituinte de 87 e 88, prevê o licenciamento das grandes obras, públicas e privadas, a realização obrigatória de uma série de audiências públicas. Quando o projeto é exposto pelo empreendedor, ouve as críticas, sugestões, de todos os interessados, e o órgão licenciador, que pode ser o Ministério do Meio Ambiente, o IBAMA, pode ser o Governo Estadual, Conselho Estadual de Meio Ambiente, ou no caso de São Paulo, a Prefeitura através da Secretaria de Meio Ambiente, do Conselho Municipal de Meio Ambiente, ouve a exposição, ouve o que as pessoas, as entidades, associações falam, criticam, sugerem, ouvem a resposta dos empreendedores. E isso é muito importante, porque os técnicos que preparam a licença, que vai autorizar ou não aquela obra, vão formando a sua opinião, e vão levando, recolhendo elementos que vão servir para a análise final que eles vão fazer que é a análise técnica e legal. Mas a opinião da população, a opinião dos especialistas, a opinião das associações, é muito importante neste conselho democrático que a Constituinte trouxe para o licenciamento ambiental no Brasil. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente, de 2005 para cá, se habilitou fortemente, fez concurso, contratou engenheiros, agrônomos, biólogos, e hoje recebeu do Governo Estadual, a tarefa de fazer todos os licenciamentos, praticamente, da cidade de São Paulo. Praticamente todos. Obras grandes, públicas e privadas, que antes, eram licenciadas pelo Governo Estadual, todas elas foram passadas para o município, para o Conselho Municipal, para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, que vão licenciando. Ontem mesmo, saiu a publicação da licença para iniciar a obra do Metrô, que vai do Jabaquara até o Rio Pinheiros. É uma obra enorme, uma obra concreta. Foram meses e meses, e meses, de discussão, de audiências públicas, e os nossos engenheiros, os nossos biólogos e agrônomos, deram a licença muito boa, e agora, fazem o governador, através do Metrô, começar a obra. Então esse é um exemplo de como a Prefeitura se capacitou para fazer esses licenciamentos. Mas isso são as obras que a lei do SISNAMA prevê as audiências públicas como obrigatórias no processo de licenciamento até chegar à avaliação do Conselho Municipal. A Secretaria do Meio Ambiente localizou uma lacuna nesse processo democrático, aqui na cidade de São Paulo, porque não há ainda uma regulamentação na Câmara Municipal para audiências semelhantes para obras menores, públicas e privadas. Enquanto não vem essa regulamentação, a Secretaria do Meio Ambiente, por conta própria, porque é política da Prefeitura, a política da transparência máxima na gestão, aqui em São Paulo, passou a



organizar apresentações públicas, mesmo quando a lei não obriga haver esse debate público, que é obrigatório para você fazer uma reforma na Marginal, construção do Rodoanel, construção do metrô, uma Operação Urbana Água Branca, Nova Luz, isso é obrigatório. Mesmo quando não é obrigatório, e, enquanto não tem uma lei municipal que regule quais são as obras pequenas, médias, públicas e privadas. A Secretaria começou, por conta própria, a fazer esse tipo de debate. E aí, a gente não chama de audiência pública, para não confundir com a lei do SISNAMA, e chama de apresentação pública. Mas a gente segue o mesmo roteiro de uma audiência pública que vai licenciar uma obra lá de Brasília, ou aqui no estado de São Paulo. Isso tem sido muito importante. Toda vez que chega uma licença de uma obra, pública ou privada, que não se enquadra na lei do SISNAMA como obrigatório, mas a Secretaria vê, sente que há polêmica na cidade, há pessoas querendo opinar, querendo criticar, querendo aperfeiçoar, ela tem chamado a apresentação pública. O resultado tem sido bastante bom. É claro, não é na audiência pública, como é na apresentação pública, que você decide se a obra vai ser feita ou não vai ser feita. A audiência não é o momento de votar. Aqui não é um julgamento no tribunal popular. É um local onde as pessoas vão dialogar, falar e ouvir. O empreendedor público ou privado fala, expõe qual é a ideia dele. As pessoas, todos os interessados se inscrevem, têm um tempo para falar também, o que eles acham. Eles vão anotando, para poder ir respondendo e comentando o que vocês estão colocando, e vai-se travando esse diálogo. Fala o empreendedor e fala todo mundo que quer falar. E os dois ouvem, porque é muito importante ouvir. Você pode ter um diálogo, e um diálogo ser produtivo, se falar e ouvir. Só tem um órgão que só deve ouvir, que é a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. A Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, em uma audiência pública, só ouve. Por quê? Porque a análise, depois, é técnica, jurídica e orçamentária. Porque muitas vezes, ele vai a uma apresentação pública, as pessoas pedem: “*Secretário, fala se o senhor vai aprovar ou não vai aprovar?*” Não é aqui. Aqui é o diálogo entre o apresentador com o público, com as mais variadas opiniões. Eles vão falar, dialogar, discutir, e a Secretaria vai se aproveitar desse diálogo para ir formando a sua opinião, posteriormente. Quando for o momento jurídico, legal, orçamentário para poder tomar uma decisão. Então, primeiro, eu queria que vocês ouvissem bem isso que eu estou falando, porque às vezes se cria alguma confusão nas apresentações públicas. A primeira confusão é essa: Não é votação. Não é tribunal popular. É audiência pública, é o local de diálogo. E diálogo entre posições diferentes, opiniões diferentes. Coisa normalíssima. Isso é a coisa mais comum na Europa. Você, na Europa, uma vendinha, um supermercado, lá na cidade, tem que ter uma, duas, três apresentações públicas discutindo as opiniões: “*É assim, é assados. Talvez. Não. Sim.*” É uma coisa comum. Embora, no Brasil, isso não seja tão comum. Mas a gente vai, aos poucos, tornando esse diálogo uma coisa comum. E isso é muito importante para a formação democrática das pessoas. A segunda observação que a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente faz questão de colocar, porque algumas pessoas já sabem, outras não sabem. Agora mesmo veio o repórter da Rede Globo, por exemplo, não sabia. Tem um repórter da Rede Globo, que é um pessoal que mais sabe de tudo no Brasil e no mundo às vezes. Não sabia. Então, muita gente também não sabe. O que é essa segunda observação que eu queria falar para vocês? A Secretaria do Meio Ambiente quer o Parque, fazer o Parque naquela área da Augusta ou não quer? É claro que quer.



(interrupção da plateia)

**Secretário Eduardo Jorge:** Tudo isso é motivo das nossas discussões. Vamos com calma. Deixa eu explicar, vocês ficam com essa segunda informação que eu quero dar, e aí, já passo para a Helena Magozo, que já está na hora. Já estamos atrasando um pouco o início. Vai ser importante, porque isso vai homogeneizar a informação que eu tenho, que Helena tem, alguns de vocês têm aqui, mas pode ser que uma boa parte não tenha. Qual é a informação? É como a Prefeitura de São Paulo está tratando dessa questão dos parques municipais. Quando a gente chegou no governo, em 2005, nós tínhamos, na cidade de São Paulo, 34 parques. E os 34 parques significavam, na época, 15 milhões de metros quadrados de área verde protegida, municipal. Eu não sou da área ambiental. Estou aqui emprestado. Sou da área da saúde. E eu fiquei abismado com isso. Porque é muito pouco em uma cidade-país como a cidade de São Paulo, com 11 milhões de habitantes, 34 parques para toda a cidade. E já fazia 8 anos que não tinha nenhum parque novo entregue. A Secretaria do Verde com autorização do prefeito começou a procurar outras áreas. E foi criado um programa para, em 8 anos, a cidade alcançar 100 parques na cidade. Nós íamos sair de 34 parques, em 2005, 15 milhões de metros quadrados, com planejamento, dividindo o orçamento com saúde, com a educação, com a habitação e tudo. Você sabe como é que é. E chegar em 100 parques em 2012. Vou repetir, fazia 8 anos que não tinha nenhum parque novo. Não foi fácil, porque a gente tinha que disputar essas áreas. Tinha que disputar com as imobiliárias, tinha que disputar com a Secretaria de Educação que queria construir novas escolas, tinha que disputar com a Secretaria de Habitação que queria construir novos conjuntos habitacionais. Com a Secretaria de Saúde, que queria construir Unidades Básicas, mas a Secretaria do Verde foi para a disputa. O que eu quero dizer para vocês, isso é muito importante, já estamos tendo êxito nisso. Qual é a situação hoje? Dos 34 parques que nós tínhamos, hoje nós estamos com 81 parques nesses sete anos. E estamos com 19 áreas, já com as obras avançadas, para cumprir a meta que está no programa de metas 2012, da Prefeitura de São Paulo, e chegar em dezembro de 2012 com 100 parques que nós nos comprometemos a entregar na cidade em 2012. Eram 34, 15 milhões de metros quadrados. Estamos agora, em 81 parques, cerca de 24 a 25 milhões de metros quadrados, e estamos com 19 áreas em processo de implantação, para, se tudo der certo, com a licitação, com as obras, com o ritmo das obras, chegarmos aos cem, que é a meta prevista no orçamento de 2012, entregues. Isso vai ser aproximadamente, 48, 49, 50 milhões de metros quadrados. De 15 foi para 25 e vamos chegar em 49, 50 milhões. Vejam que foi um esforço histórico da cidade de São Paulo. Mas tem mais, tem mais dessa questão de planejamento, de implantação. Os parques que nós tínhamos, os 34, além de serem poucos, eram muito mal distribuídos. Áreas enormes da cidade de São Paulo não tinham nenhuma área verde à disposição da população, para a dona de casa, os trabalhadores, órgãos públicos. Portanto, além de chegar aos 81 e vamos chegar nos 100, o planejamento foi previsto para alcançar todas as subprefeituras de uma forma mais homogênea. É claro que ainda não ficou tão perfeito, porque a gente não achou áreas onde a gente queria em todos os lugares. Mas hoje, nós estamos já, presentes, em todas as subprefeituras. E com esses 19 mais, nós vamos chegar em boa parte dos 96 distritos. A cidade é dividida em 31 subprefeituras e 96



distritos. Isso é muito importante que a população saiba, aumentou o número, e, agora, as áreas estão muito mais bem distribuídas. A gente tem que falar a verdade. Eu não podia deixar uma área, por exemplo, como Capão do Socorro, em Parelheiros, onde moram 800 mil pessoas, 800 mil pessoas, é praticamente uma cidade do tamanho de Campinas, em 2005, quantos parques eles tinham? Zero. Zero. Então é essa noção que a gente tem que ter. Nós, que moramos no centro expandido, temos que ter esse conhecimento. E a Prefeitura tem que ter planejamento do conjunto da cidade. Na verdade é que essas áreas vazias, essas áreas desertas são e estão sendo a prioridade máxima da chegada dos 100 parques. Isso quer dizer que as outras áreas, junto com o centro e grandes mais áreas da periferia não estão sendo trabalhadas? Não. Além dessas 100 áreas que nós vamos chegar em dezembro, nós temos mais de 50 áreas sendo trabalhadas. Porque o mundo não vai acabar agora, em dezembro. Vai continuar. Porque vai ter outros governos. Então a Secretaria do Verde está trabalhando para deixar encaminhado mais 50 áreas, fora as 100. Essas 50 áreas, algumas delas tem..... como essa área da Augusta, outras já têm projeto em andamento, desapropriação. Outras já têm, inclusive, projeto em andamento, projeto básico prevendo a implantação. Estão em variados níveis de implantação. E essa área, sendo transparente e não escondendo nada de todos vocês, essa área em volta da Augusta, ela está nessas 50. Isso pela decisão consciente nossa, da Secretaria do Verde, de Planejamento, vendo a cidade como um todo. É claro, têm pessoas que não concordam. É um direito democrático delas, elas devem ter lá suas razões. Essas são as nossas razões, nós tínhamos 34, estamos em 81, vamos chegar em 100, estamos em todas as subprefeituras. Estamos distribuindo mais ainda, dar uma equilibrada nessas subprefeituras de longe, da periferia, inclusive são muito importantes porque protegem os mananciais, que é a água que nós bebemos. Se nós não chegarmos logo lá, nós não vamos ter água aqui, na região metropolitana. Nós vamos ter que ir buscar água no Vale do Ribeira, quem vai pagar isso vai ser a gente mesmo. Portanto, são essas as razões. Não estou escondendo nada, tudo transparente. Como essa discussão, tudo é transparente na Secretaria do Verde. É claro, têm pessoas que não concordam, não concordam. Achem que eu estou errado. Que devia colocar logo o parque X, Y, Z, na frente da fila. Essa foi a decisão. Esta é a nossa decisão. Por quê? Completando, eu não tenho 30, 40 milhões, por exemplo, para a desapropriação de uma área como essa. Isso eu não tenho. Não tenho. Não. Não tenho.

(interrupção da plateia)

**Secretário Eduardo Jorge:** (fala sobreposta) Para vocês terem uma noção de como isso tem peso...

(interrupção da plateia)

**Secretário Eduardo Jorge:** Com licença, senhora. A senhora vai poder falar. Eu vou apenas fazer duas observações que são importantes para todo mundo saber a mesma coisa que eu sei. Que aí depois, todo mundo pode dar as suas opiniões. Nós tínhamos, no governo, em 2005, quando começamos o governo, a Secretaria do Verde tinha um orçamento de setenta milhões de reais. Esse foi nosso orçamento em 2005, nós herdamos



ainda do outro governo, se aprovou o orçamento, nós pegamos, em 2005, o orçamento aprovado por outro governo. O prefeito de São Paulo aumentou substancialmente, mesmo porque aumentou o volume de trabalho da gente, da Secretaria do Verde. E hoje, nosso orçamento, está em torno de trezentos e cinquenta milhões. Eram setenta em 2005, chegamos a trezentos e cinquenta. O resultado, também, de muito mais trabalho, muito mais coisa para fazer. Mesmo assim, o orçamento que pulou de setenta para trezentos e cinquenta, trezentos e cinquenta milhões é um peso muito grande. Eu não tenho cinquenta milhões, não tenho quarenta milhões, não tenho cinquenta milhões. Vou repetir: é uma audiência para vocês conversarem com o empreendimento que quer fazer uma proposta para aquele local. A Prefeitura não tem nada a ver com isso. Ele quer fazer uma proposta, eu vou falar. Vocês vão falar também. Eles vão responder. E nós vamos ouvir. Mas vamos passar à apresentação propriamente dita. Quem vai comandar isso é a coordenadora do Conselho Municipal do Meio Ambiente. Por favor, Helena.

**Coordenadora Helena Magozo:** Boa noite a todos vocês. Antes de nós começarmos, propriamente, a apresentação, eu só queria acordar com vocês a regra do jogo. Não é? Quer dizer, como o Secretário falou, o interesse é que a gente tenha as manifestações mais amplamente possível, de todos os lados. Mas precisamos de uma certa organização para que o processo possa se dar a contento. Tudo que for falado aqui, estará sendo gravado, vai ser transcrito, é documental. Nesse sentido, a gente também garante o a transparência. Vai haver então a apresentação por parte dos empreendedores do projeto. Desde já, desde o momento da inscrição, até o final da apresentação do projeto, está aberto, ali do lado, um espaço para quem quiser se inscrever para se manifestar. Então quando terminar a apresentação do projeto, nós vamos chamando as entidades, as pessoas e autoridades para estarem falando. Eu peço às pessoas que querem se manifestar, têm todo o direito de se manifestar, que se inscrevam, têm o direito da palavra como qualquer pessoa, qualquer entidade aqui presente. Ali tem a mesa para inscrição. Então nós vamos começar a composição da mesa, o Secretário Eduardo Jorge, eu, Helena Magozo. Eu vou chamar o senhor Antônio Setin, representante da empresa Setin Empreendimentos Imobiliários. O senhor Jaime, representante da empresa Cyrella do Brasil Realty. E o senhor Benedito Abud, que vai falar pela equipe responsável pela elaboração do projeto. Eu queria passar a palavra, em um primeiro momento, para os empreendedores do projeto, senhor Antônio Setin e o senhor Jaime, representando respectivamente a Setin Empreendimentos Imobiliários e a Cyrella Brasil.

**Antônio Setin:** Senhor Secretário Eduardo Jorge, senhora Helena Magozo, senhores cidadãos presentes, gostaria de agradecer a oportunidade que nós, Setin Empreendimentos Imobiliários, representado por mim, Antônio Setin e Jaime representante da nossa parceira no empreendimento, ou na proposta desse empreendimento, desse parque, que é a Cyrella, pela oportunidade de poder estar aqui, fazendo uma proposta que nós julgamos bastante moderna sobre o terreno importante nesta cidade, mais importante ainda porque está presente no centro dessa cidade que todos nós almejamos que venha a se recuperar, que venha a se tornar ainda mais almejada pelos moradores e trabalhadores. Uma região toda, já, preparada com transporte, com metrô, com todas as coisas que todo cidadão de grande



metrópole, como São Paulo, almejam ter.. Esse terreno é um terreno de um alqueire, um terreno de 24.700 metros quadrados, que é de propriedade de senhor (incompreensível), presente inclusive na nossa reunião. É uma proposta que, eu diria, no nosso jargão de empresários, é ganha, ganha, ganha. Ganha o município, ganha o cidadão e ganha a empresa que viabiliza o nosso dia a dia nessa grande cidade. A Setin, a qual eu represento, é uma empresa que está ativa, empreendendo e empregando (incompreensível) importantes, inclusive aqui no centro, especialmente na cidade de São Paulo, mas também em outras cidades da grande metrópole, há 33 anos. Foi a primeira empresa na América Latina a obter a certificação ISO 14008. A empresa não abre mão do seu empreendimento sustentável. Tem uma série de pré-requisitos, que vocês vão ver em seguida, que atende a uma série de anseios, principalmente nessa vertente da sustentabilidade. Então, diante disso, eu gostaria de passar a palavra aqui, ao senhor Jaime, representante da Cyrella, nossa parceira nessa proposta de hoje. Muito obrigado.

**Jaime:** Boa noite a todos. A Cyrella tem 50 anos, já, de tradição no mercado. Ela tem 200 mil clientes atendidos, 15 mil colaboradores. A partir do capital da Cyrella em setembro de 2005 (incompreensível) um novo mercado. Esse novo mercado significa que esse segmento contínuo da empresa que se compromete a (incompreensível) corporativo. A Cyrella chamada Academia Cyrella (incompreensível) e obra (incompreensível). E assim que a gestão (incompreensível), em todo (incompreensível) de São Paulo, todos os projetos são criados (incompreensível) sustentabilidade e acessibilidade. Que quer dizer também que nós temos um projeto implantado, há 6 anos, muito semelhante ao que vocês vão ver nessa proposta, (incompreensível) Santo Amaro, um projeto de torres residenciais que tem um parque de 7600 metros. Entregue aos seus donos com 100% da operação da população local e moradores. Então gostaria de devolver a palavra à Helena para conduzir a apresentação

**Coordenadora Helena Magozo:** Eu vou passar a palavra para o representante da equipe responsável pela elaboração do projeto, que é o Benedito Abud.

**Benedito Abud:** Boa tarde a todos. É um prazer estar aqui com vocês para colocar a apresentação desse projeto, em que a gente acredita bastante nele. É só ligar o projetor, e a gente vai começar a falar. Só para me apresentar, meu nome é Benedito Abud. Eu sou arquiteto urbanista, formado há 38 anos pela FAU-USP, onde eu fiz mestrado em arquitetura paisagística, e lá também, eu fui professor dessa disciplina, assim como na PUC de Campinas, nesse tempo todo. Nesse tempo todo, eu fui, por duas vezes, presidente da ABAP, que é Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas. E também nesse tempo, eu desenvolvi com uma equipe, com a nossa equipe, mais de seis mil projetos paisagísticos, urbanísticos, em cidades, bairros, condomínios, mas, principalmente, em parques e praças, como vocês vão ver em alguns exemplos nessa apresentação. Enfim, uma vida inteira dedicada ao paisagismo e às áreas verdes. Projeto Nova Augusta: esse nome é muito feliz. Porque nós estamos aqui, não para falar somente de um problema, mas sim, para falar de um projeto que vai revitalizar toda uma região. É realmente uma Nova Augusta. O terreno em questão fica localizado no coração da cidade de São Paulo, no centro geográfico da



subprefeitura da Sé, em uma localização extremamente privilegiada. Um local com moradia, serviços, e transportes públicos, como o metrô. Ou seja, uma região suprida pela melhor infraestrutura da cidade. Nesse local, antigamente, se instalou o Colégio Des Oiseaux. Note que de 1958 para cá, essa marca, que na época, era bastante tímida, ela ficou bastante forte. Ou seja, ela cresceu muito. E aí que começa a minha história com essa área. Por quê? Eu fui um dos autores desse livro, que ainda hoje, é um dos principais cadastros da vegetação significativa do município de São Paulo. A mata em questão está dentro desse livro. E já na época, nós colocamos, nesse livro, que a gente pretendia fazer um trato nessa área. E esse projeto que nós vamos apresentar agora para vocês, para mim, ele é a concretização de um objetivo. Por quê? Após 23 anos dessa publicação, ela foi feita em 1988, ou seja, 23 anos dessa publicação, surge agora, a oportunidade de transformá-la num parque público já, imediatamente. E ainda, garantir a sua proteção e a sua manutenção eternamente. Mas ela é orgulho também para mim, saber que essa página que eu redigi abre o processo de tombamento oficial que preserva essa mata para sempre. Nesse terreno particular, nós temos os seguintes bens tombados: o primeiro é essa mata toda que está tombada, o número 2 é uma construção existente onde se pretende fazer um restauro nela. A área 3 é uma faixa de amortecimento, que tem uma largura de 10 metros para proteção da mata. E o item 4 que está aqui, ele é o antigo **pátio** que também deverá ser restaurado. Agora, a área azul, toda essa área aqui, é uma área passível de ser edificada. Em termos legais, nós temos um terreno particular, dividido em duas matrículas. A primeira matrícula, que é essa superior, nós temos uma área tombada e uma área passível de ser edificada. A matrícula 2 é totalmente passível de ser edificada. A nossa proposta é fazer uma cooperação entre o poder público e o particular, que é uma tendência mundial no processo de renovação urbana, onde o empreendimento faz toda a implantação e garante, eternamente, a manutenção, a segurança dessa área, e essa responsabilidade é gravada na matrícula do empreendimento. Alguém pode estar se perguntando: “*O que é essa cooperação?*” E para explicar, em vez de eu ficar falando, eu vou mostrar dois projetos que nosso escritório desenvolveu. O primeiro é esse aqui. É um projeto que foi executado pela Cyrella, incorporadora que está aqui presente, e pelo (incompreensível), como já o Jaime colocou. O local tem características, gente, e muito parecidas com o esse terreno. Onde o empreendimento viabilizou o Parque, que foi entregue à população três anos antes do empreendimento ficar pronto. Por essa foto, vocês podem notar que o empreendimento e um Parque de 7600 metros quadrados, que fica aqui na proximidade da Santo Amaro com a Rua Pensilvânia, e vocês, enfim... A população, hoje, pode usufruir de um Parque público, toda a população. Não é apenas o empreendimento, está certo? Aqui, fotos da mata e do porte, para ter uma noção da região. E aqui, fotos também onde todo mundo usa. Quer dizer, usam os adultos, os idosos, adolescentes, crianças, e até pelos cachorros. Esse local de cachorro, inclusive. Assim como o restante do Parque é constantemente limpo pelos funcionários contratados pelo condomínio. Mas o mais importante: é um lugar extremamente seguro. Onde as pessoas podem andar com seus filhos sem preocupação, como essa menininha passeando com seu cachorrinho. Aqui existe uma portaria, com guardas que vigiam o Parque, pagos pelo empreendimento. Agora, gostaria de convidar a todos para conhecê-lo. É muito interessante. É só chegar lá e entrar. E esse exemplo nos dá a certeza que esse é o melhor modelo a ser adotado aqui. E como eu disse antes: esse Parque foi entregue à população três anos antes



do empreendimento ficar pronto. Outra parceria público/privada, outra cooperação do poder público e particular que eu participei, foi a Praça (incompreensível). Foi onde a Editora Abril executou, em um terreno complicado, contaminado. A Editora Abril executou uma praça, eu participei do projeto, uma praça maravilhosa, enfim, e hoje tudo foi transformado em uma praça muito interessante. (incompreensível) da sustentabilidade... eu estou falando isso, porque depois eu vou pegar um gancho em um projeto que a gente vai mostrar para vocês. Então tem a inclusão da sustentabilidade, faz uma programação cultural muito interessante e muito intensa, com concertos, locais para atividades de idosos, sobre orientação ambiental, sem que a Prefeitura gastasse um tostão sequer. Um real sequer. A Editora Abril investiu aqui milhões de reais, cifra impensável para a Prefeitura, que também têm outras prioridades: comunicação, saúde etc. Quer dizer, a iniciativa privada, no caso aqui, a Cyrella e a Setin, duas empresas extremamente sérias, líderes de mercado, querem abraçar essa causa. E eu vim aqui, hoje, mostrar que eu acredito ser a melhor opção para essa área. Melhor para a população, porque vai ter um parque já. Melhor a Prefeitura, que não vai gastar nada. Ees vão fazer um empreendimento ícone, que será uma referência em São Paulo. Qual é o conceito que a gente vai usar no parque? A partir da vegetação aqui existente, onde os técnicos do CONPRES P delimitaram uma área e tombaram, em 2004, foi feito um tombamento por eles em 2004... Bom, para quem não sabe, CONPRES P é o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo. É importante ressaltar que vamos preservar 100% dessa mata. O parque foi pensado para fazer a ligação entre a Rua Marquês de Paranaguá e a Rua Caio Prado, fazendo a conexão urbana. Mas o tamanho dessa área, comparado com o Parque Mário Covas, localizado aqui perto, na Avenida Paulista, nessa área têm 10 mil metros quadrados, enquanto o Parque Mário Covas têm 7500 metros quadrados. Nós queremos manter a transparência visual que lá existe, que é fundamental para a segurança. Então tirando partido dos caminhos existentes, porque lá já não existe vegetação, e tirando também, partido dos espaços abertos. A união dos caminhos e desses espaços, ela resulta, ela gera o desenho do parque, com os acessos posicionados em nível, garantindo a acessibilidade e a conexão com a cidade. A ideia é não ter elementos construídos no parque. O item 1 são as praças de acesso. O item 2 são os playgrounds. O item 3 são áreas de estar. O 4, equipamentos de ginástica. O 5 seria uma praça central. O 6 é o Cinema Paradiso, que é um cinema ao ar livre, eu vou mostrar imagens para vocês, e também um teatro. O 7 é o que nós chamamos de espaço para cães. O 8, que é a construção existente, ela vai ser restaurada e abrigar o Museu Des Oiseaux para guardar a imagem do Colégio, e também o que nós chamamos de Casa da Cultura. Para quê? Para poder organizar esses eventos do parque, o Museu também organiza esses eventos do parque. O 9 que está aqui, seria o bicicletário. E o 10 é uma conexão que a gente pretende fazer, e aí vem a outra parte, em uma praça muito interessante, que eu gostaria que vocês vissem, está certo, fazendo então essa ligação entre o que nós chamamos de parque e o que nós chamamos de praça. Um parque para quem? Um parque para todos. Um parque para a família. Um parque para os estudantes, nós estamos aqui do lado da PUC, da FAAP, do Mackenzie. Um parque para as crianças. Um parque que tenha playgrounds para crianças de diferentes idades, teatro organizado pela Casa da Cultura, locais para idosos, também locais para leitura, aula de tai-chi, cinema ao ar livre, sob a copa das árvores, organizado por essa Casa da Cultura,



acesso livre à internet, ou seja, Wi-Fi livre, que talvez seja o primeiro em São Paulo. Quer dizer, é muito interessante você poder fazer embaixo da copa dessas árvores, e se conectar ao ar livre, ou então trabalhando, podendo trabalhar tranquilamente, está certo? Vamos, também, ter locais para a destinação de resíduos. E o bicicletário onde fica a bicicleta para garantir o maior acesso de pessoas possível a esse parque, inclusive garantindo o acesso democrático dele. E obviamente, sem esquecer os animais de estimação, que hoje já frequentam o terreno. Nós vamos ter trilhas para caminhadas. Aqui vocês podem ver, essa daqui é uma área existente, um caminho existente, e a nossa ideia é organizá-los com pedrisco. Eu vou mostrar, aqui adiante, como é que a gente pretende fazer, exatamente para que ele seja totalmente permeável. Que ele não tenha nada de área impermeável. Pelo contrário, aquilo que já existe de impermeabilização, a intenção é retirar esses restos de materiais impermeáveis. Aqui nós temos existente, e aqui a ideia, a proposta, já, formatação para caminhada, equipamentos para você fazer alongamento, equipamentos para ginástica, e a gente vai ter também alguns equipamentos, inclusive, que é muito importante. A ideia é, além da transparência, é pegar nessas áreas maiores, como essa praça central, e transformá-la em um lugar agradável, seguro, para todo mundo poder usar. A ideia aqui, para a gente poder ter esse pedrisco, esse pedrisco não ficar espalhando, é usar esse material aqui, que se chama Plastifor, onde ele encapsula o pedrisco dentro dela, fazendo com que a gente tenha 100% de área permeável e 100% de área acessível. Acessível para quem? Acessível para cadeirantes, acessível para pessoas com dificuldade de locomoção, para gestantes, para o carrinho de bebê etc. Outra coisa, a gente pretende isso é fundamental, fazer um tratamento fitossanitário para as árvores que lá existem, cuidando da sua saúde. Outro aspecto: existiam antigas muretas, onde as árvores cresceram em cima delas, e hoje, as raízes estão pressionando essas muretas. Isso é muito perigoso, porque essas árvores poderão cair se não for feito um tratamento urgente nelas. Então a intenção é reforçar as muretas e cobri-las com terra, com talude, para que a gente não tenha a sensação de nada construído dentro do parque. Para garantir o funcionamento de tudo isso, a ideia é que se faça uma administração conjunta entre uma comissão do condomínio e uma ONG, uma ONG, que a gente chamou aqui de Parque Nova Augusta, que seria, e vai ser criada, seria criada, e onde quem quiser pode participar. Seriam pessoas que não pertencesse ao condomínio, e, sim à comunidade, as pessoas moradoras, tal, para poder gerenciar conjuntamente esse parque. É importante reafirmar aqui, o restauro do pórtico, o restauro da casa para poder abrigar todas aquelas imagens que se tem do Colégio Des Oiseaux, e organizar esses eventos. Porque se ninguém organizar, a coisa não vai acontecer. Como palestras, cursos, cinemas, teatros etc. Para terminar a apresentação desse conceito do parque, nós lembramos de um aspecto fundamental: um parque agora, já. Nós falamos sobre parque. Agora nós vamos falar sobre a faixa de amortecimento que o CONPRESPE pede para que ela exista. Ela dá um cinturão de 10 metros de largura, para proteção da mata, e a intenção é arborizá-la com árvores maiores, menores e menores, fazendo o que a gente chama de uma abóbada visual. Para quê, isso? Para que a gente tenha essa abóbada, para as pessoas que estejam aqui no parque, elas tenham uma sensação de imersão nele. Ou seja, sem a visualização dos edifícios no entorno. Que aliás, é isso que define a diferença de um parque e de uma praça. O conceito moderno é o seguinte: não é tamanho, não é isso aqui. Existem mil definições de parque e de praça. Mas



a gente achou importante pegar essa definição, que é uma definição da sensação. Ou seja, um parque é aquele que você está envolvido no meio do verde. Ou seja, você não tem a paisagem da cidade presente. Uma praça, pelo contrário, é um local de passagem, que você tem, sim, a paisagem da cidade acontecendo. Por isso, nós temos praças grandes e os parques menores, mas são chamados de parques. A intenção nessa faixa é aditivar espécies nativas, somente espécies nativas, que floresçam em diferentes épocas do ano: verão, primavera, outono e inverno. E também árvores frutíferas, para que haja a atração dos pássaros. Agora, nós vamos apresentar a nossa proposta para a área passível de ser edificada. A área passível de ser edificada, gente, como eu mostrei antes nas matrículas, é essa aqui debaixo. Que, aliás, o norte está para cima. É a parte sul do terreno. A intenção é fazer uma grande praça de acesso público. Nós tomamos todos os cuidados, quando eu digo nós é toda a equipe, para a implantação da arquitetura. Esse estudo de arquitetura foi elaborado pela NCAA, que é um dos maiores escritórios de arquitetura do Brasil, inclusive está aqui presente. Então a ideia é colocar as edificações nesses círculos, onde não existe vegetação. E essas áreas seriam áreas de acesso e áreas de praça que sintonizam ao parque. Aqui existe então essa proposta, dois edifícios residenciais e dois comerciais. A intenção é ter moradia e trabalho, ambos próximos. Seguindo o quê? Seguindo a tendência de valorização do centro de São Paulo. Esses edifícios...

(interrupção da plateia)

**Benedito Abud:** Deixa eu só terminar de falar, vocês vão poder falar depois. Esses edifícios, eles estão ao sul do terreno. Então, aqui, a gente mostra o gráfico de insolação, o gráfico de sombra, e a gente pega o solstício de inverno, são as sombras mais longas do ano. Ou seja, esses edifícios nunca farão sombra na mata, porque eles estão ao sul do terreno. E como a gente vê mais claramente nesse gráfico, ele une todos os gráficos anteriores, e vocês notam então, que as manchas de sombra estão sempre para baixo, e nunca para cima. Aqui, a gente vê a integração do parque com a praça. Praça essa, que vai ter café, restaurantes, a ideia é trazer vida para esse lugar. E aqui, gente, nós vamos ter a oportunidade de... isso é realmente uma felicidade. Unir os dois tipos mais importantes de espaços verdes que existem. Um é um parque embaixo da copa das árvores, como eu disse, praticamente onde você fica submerso no verde, na vegetação, e ao lado, uma praça, que é um lugar de vida, um lugar aberto, um lugar de encontro. Ambos em sinergia. Os dois conversando, os dois juntos. E como é que vai ser o conceito dessa praça? O conceito dessa praça é fazer o mesmo conceito que foi usado aqui na Praça Itaim. Outro projeto do nosso escritório, que tem hábito de ir à França, em congressos internacionais, sabe por que ele foi premiado? Não é porque ele é bonito e tal. É também por isso. É porque ele fez uma revitalização em todo o parque. O local era uma antiga fábrica, enfim, que ninguém acessava, com o entorno degradado, e hoje, ele se tornou um oásis. Eu não sei se vocês conhecem, mas seria muito bacana se vocês conhecessem. Ele é um oásis lá no bairro do Itaim, usado por todas as faixas etárias. Esse projeto requalificou o bairro e a vida da região. Assim como nós gostaríamos que acontecesse nesse terreno que nós estamos apresentando. No nosso caso, a gente acredita que a soma da praça que está aqui, com o parque, ao fundo, o resultado final, com certeza, será ainda melhor do que tem o prédio do Itaim. Aqui nós temos outra



vista da praça, o barulhinho da água, para quê? Para minimizar o ruído das ruas do entorno, porque tem trânsito, e esse barulhinho da água faz com que você entre em outro clima, em um clima muito mais agradável, muito mais gostoso. Aqui a vista dos edifícios, olhada por cima da copa das árvores do parque. Vocês notam como é que ele se relaciona com os edifícios do entorno. E aqui, os mesmos edifícios olhados pela Marquês de Paranaguá. Para vocês terem uma noção da área que isso representa, a área fechada, seja apenas desses novos edifícios comerciais e essa área do residencial. Ou seja, toda área verde será de acesso ao público. Para ter uma noção da área, dos 24700 metros quadrados do programa, 16700 serão de uso público. Ou seja, apenas 8000 seriam utilizados por áreas fechadas. Ou seja, 67% da área seriam de acesso público já. Vamos falar um pouquinho agora, sobre as calçadas. As calçadas, elas serão um prolongamento da praça e do parque. Elas serão verdes, permeáveis e acessíveis. Pergunta-me: “Como é que ela pode ser permeável?” Utilizando esse material que aparece aqui em cima, que é o que a gente chama de piso permeável, que foi desenvolvido, inclusive, com nosso escritório junto com a Associação Brasileira de Cimento Portland, onde a chuva cai em cima, no caso, aqui, está até se jogando uma água, e vocês notam que a água sai embaixo. O que quer dizer isso? Que toda chuva que cair nesse piso, esse piso assentado sobre (incompreensível) e brita, essa chuva vai entrar no solo. Ela vai ser absorvida pelo solo, sem contribuir para as enchentes. Ou seja, nós estamos minimizando as áreas impermeáveis. As calçadas terão piso permeáveis, somando 1200 metros quadrados. Aqui vocês podem notar uma vista da calçada hoje, da Caio Prado, e como seria, já atendendo a portaria da Secretaria do Verde, onde nós teremos a faixa de serviço, a faixa de acesso... Desculpa. A faixa de circulação e a faixa de acesso verde. Vocês notem, aqui, que o Brasil já estaria trocado nessas imagens. Aqui, a mesma coisa, da Rua Marquês de Paranaguá. Então, a intenção é que essa calçada seja realmente um prolongamento desse parque. Conexão de áreas verdes e revitalização. Gente, isso é muito importante, além da praça e do parque, nós vimos aqui a oportunidade de usar um conceito que nós chamamos de conexão de áreas verdes. Este conceito não é novo, não. Este conceito foi criado no século XIX por um cara americano, paisagista americano, que se chama Frederick Olmsted. E ele é considerado o pai do paisagismo moderno. Foi ele quem fez o Central Park de Nova Iorque. E esse conceito que ele criou, ele, hoje, é uma referência mundial de qualidade de vida. Qual é a ideia? A ideia é conectar a nova praça, o novo parque com a praça Roosevelt que já está sendo revitalizada pela Prefeitura, através do quê? Através da rua Gravataí, que vai ser transformada em um Boulevard. Ou seja, conectando essas áreas verdes, fazendo, para a população, praticamente uma área verde única. Aqui, vocês têm a foto de hoje, e como ele vai ficar. Então, eu queria fazer canteiros nessas esquinas, como vocês veem aqui embaixo, com árvores, com arbustos e também com calçada permeável, permitindo, inclusive, a acessibilidade, criando as faixas. Outra coisa, totalmente iluminado e seguro. A ideia é essa. Ele vai ligar então a Praça Roosevelt, como vocês veem. Como vocês veem, a Praça Roosevelt aqui, é o que hoje já, com a reforma sendo feita pela Prefeitura. Revitalização da calçada Martinho Prado. Houve uma solicitação da (incompreensível) para se fazer uma revitalização na calçada Martinho Prado. Por quê? A calçada Martinho Prado fica aqui. Porque essa rua Martinho Prado, ela tem um papel cultural importante na história do teatro e do cinema de São Paulo. Hoje, a calçada é assim. Ela será alargada e receberá um novo tratamento, também, por conta do



empreendimento. Se a gente somar todas essas áreas, para vocês terem uma noção dos números, somando tudo, o que a gente tem? Parque Augusta, 10000 metros quadrados; futura praça, 6700; as calçadas lindeiras, 1200; Boulevard Gravataí, 1300; calçada Martinho Prado, 1000 metros quadrados. E somando a Praça Roosevelt, que ela faz parte de um sistema, nós teríamos 45200 metros quadrados. Ou seja, é praticamente o dobro do Parque Buenos Aires, que tem 23000 metros quadrados, e é considerado um parque, exatamente, porque tinha uma vegetação densa. Mas na nossa avaliação, esse projeto realmente é muito bom para a cidade. Ele atende a legislação urbana e a resolução específica do CONPRES para esse terreno. E ele será aprovado em todos os órgãos públicos. Ele está completamente dentro da legislação. Mas nós achamos a ideia da junção da praça com o parque tão interessante, tão bacana, que a gente foi estudar um outro projeto, uma forma de, além dos 67% de área verde, como vocês estão vendo aqui, a gente ganhasse mais área verde. Nós fomos em busca de um projeto ainda melhor, a gente foi além. A ideia, gente, é o seguinte: pegar os quatro edifícios e empilhá-los em dois, sem acréscimo de áreas construídas. E para isso, então, a gente rotacionou as torres, e fizemos então, uma curva entre elas, para que a gente tenha uma integração maior entre a Augusta, a praça e o parque. Essa proposta, gente, libera 82% de área para o uso público. As áreas invadidas seriam apenas essas cinzas, aqui. É o (incompreensível) edifícios comerciais e essa pequena área do edifício residencial. Ou seja, essa proposta libera 20300 metros quadrados para uso público já. Esse projeto então, com as duas torres, vocês notam então, que a permeabilidade visual e a permeabilidade verde será muito maior. Gente, isso daqui vocês vão poder assistir. Isso aqui é um espaço democrático. É bacana mesmo. Calma. Vocês vão poder perguntar, a gente vai responder. O que a gente fez? Vocês notam que essa permeabilidade é muito maior. A Augusta se integra muito mais à praça e o parque, tornando o que era bom, ainda melhor. Aqui tem o projeto, que é um estudo ainda, que vocês notam então, que ele é todo (incompreensível), a nova vegetação, espelho d'água, e essa forte conexão entre a praça e o parque. A praça também vai ter conexão, vai ter também café, restaurante e muita segurança. Para vocês terem uma noção das áreas, dos 24700 metros quadrados do terreno, 20300 serão de uso público. Ou seja, apenas 4400 será fechada para empreendimento residencial e comercial. Ou seja, 82% da área serão de uso público. Aqui vocês notem como a praça, ela se abre e abraça a rua Augusta, dando essa permeabilidade e essa conexão com o parque ao fundo. Aqui, a praça vista de cima. Você podendo ir tomar café debaixo da copa dessas árvores. E essa praça terá 24 horas de segurança, certo? Segurança 24 horas. Aqui, está a praça olhando da Augusta, é muito mais ampla, iluminada e convidativa. Aqui é outra vista da praça, onde a ideia é ter uma vegetação bastante exuberante. Porém, tem um porém, para a gente conseguir esses 82% de permeabilidade de área de acesso ao público, é preciso que a gente revise a resolução do CONPRES. No que se refere ao gabarito do (incompreensível), que hoje é de 36 e 45 metros. Ou seja, é importante verticalizar, que é uma diretriz da Prefeitura (incompreensível) centro, onde é servido de infraestrutura. Inclusive, aqui é permitido, na região, é permitido ter prédios muito maiores. A única justificativa para não verticalizar, seria a sombra dos prédios na mata. Mas como nós estamos ao sul da mata, os prédios nunca vão fazer sombra na mata. Por isso que nós fomos fazer uma análise no entorno da quadra, e a gente verificou que o que existem lá, hoje, edifícios muito mais altos. Inclusive, agora, o que foi aprovado com 95



metros de altura, fica na esquina, aqui do parque. Está certo? Ou seja, comparando as duas opções, a opção 1 com a opção 2, o que a gente vê? Essa opção 1, com os quatro edifícios, nós temos 67% do terreno de uso público, e nós estamos totalmente dentro do gabarito da altura atual do CONPRESP. Com os dois edifícios, nós teremos 82% do terreno de uso público, só que esse gabarito vai ter que ser revisado pelo CONPRESP. Resumindo, para finalizar, a gente vai mostrar os benefícios, então, que o empreendimento trará para a cidade, e para os moradores de toda a região. 1º - Um parque de aproximadamente 10000 metros quadrados, implantados e mantidos com segurança pelo empreendimento, e administrado em conjunto com a população. Uma praça de 10300 metros quadrados, com cafés, restaurantes e segurança 24 horas. Museu Des Oiseaux, que vai guardar imagem do colégio, para que ela não suma, e a Casa da Cultura, que vai organizar todos os eventos culturais do parque. As calçadas verdes com pisos permeáveis e acessíveis. O Boulevard da Rua Gravataí, arborizado e iluminado. A conexão com a Praça Roosevelt, revitalizada pela Prefeitura. A calçada Martinho Prado alargada e revitalizada. Gente, para finalizar, eu gostaria de dizer o seguinte: esse trabalho é fruto do esforço de uma equipe que conta com muitos profissionais, entre arquitetos, urbanistas, advogados, engenheiros etc. E nós estamos totalmente abertos, acho que a intenção dessa apresentação como o Secretário falou no começo, estamos totalmente abertos a ideias, sugestões, e colaborações. Tanto da Secretaria do Verde, quanto da (incompreensível) do CONPRESP, e principalmente, da população. Muito obrigado.

**Coordenadora Helena Magozo:** Por favor, a primeira instituição inscrita é o Instituto Brasil Verdade, o Antônio Basile. Eu peço para ficarem a postos, na ordem, o Flavio Correa, o Toni Sando.

(interrupção da plateia)

**Coordenadora Helena Magozo:** Por favor, Antônio Basile. Vocês estão me ouvindo? Então, Antônio Basile, do Instituto Brasil Verdade, Flávio Correa, da Associação de Dirigentes de Vendas, e o Toni Sando, da São Paulo Convention. Por favor.

**Antônio Basile:** Eu vim aqui como cidadão do lado oposto. Vim aqui como gaúcho que adotou essa cidade, e quando eu vim do Rio Grande para cá, vim trabalhar aqui como jornalista e publicitário, eu vim para a Praça Roosevelt. A minha velha e (incompreensível) propaganda era num prédio aqui na Praça Roosevelt. E (incompreensível), que tinha uma vantagem espetacular sobre qualquer um, porque era ao lado da (incompreensível), que era um grande restaurante naquela época, onde os boêmios, como eu, podiam se reunir com (incompreensível), Cauby Peixoto, (incompreensível) e passar a noite (incompreensível). Bom, eu vim para cá e moro hoje, aqui na região, moro aqui no bairro Higienópolis, onde eu participei de alguns movimentos comunitários, inclusive aquele da (incompreensível), que queria impedir a construção do Shopping Parque Higienópolis. Houve uma série de audiências públicas, houve reuniões como essa, e se discutiu muito aquele projeto. E havia uma facção radical muito importante, que não queria que o shopping fosse construído. Finalmente, eu fui a favor do shopping, eu e mais um grupo de pessoas, e o shopping foi



construído. Quero dizer a vocês que o shopping, hoje, é o orgulho de Higienópolis. Ok? Inclusive aquelas pessoas que (incompreensível)

(interrupção da plateia)

**Antônio Basile:** Qual de vocês que estava em Higienópolis, aqui?

**Plateia:** Eu.

**Antônio Basile:** Onde você estava? Eu moro na Rua Maranhão, a uma quadra do shopping, e acho aquilo maravilhoso. Um momentinho. Um momentinho. Eu fui chamado aqui para uma reunião civilizada.

(interrupção da plateia)

**Antônio Basile:** Se vocês não sabem respeitar, eu vou embora, não dou minha opinião.

(interrupção da plateia)

**Antônio Basile:** Por favor, me ouçam. Eu venho dar um depoimento para vocês. (incompreensível) esse negócio, (incompreensível) Praça Roosevelt, e daqui tive que sair, por causa da degradação dessa área. Tive que sair daqui, tive que ir para a Faria Lima, que é um horror comparado com isso que está aqui. E eu gostaria muito de voltar para cá. Profissionalmente. Ter meu escritório aqui e continuar morando aqui, nesse bairro. A estação do metrô, na Avenida Angélica. Eu fui a favor da construção com estacionamento subterrâneo na (incompreensível).

(interrupção da plateia)

**Antônio Basile:** Você que é o irresponsável.

(interrupção da plateia)

**Antônio Basile:** Eu vim aqui para dar um depoimento (incompreensível). Eu aconselho o seguinte, não se pode... não se pode radicalizar. (incompreensível). Eu não tenho tempo para esperar mais cem anos para ter uma praça aqui na Rua Augusta. Eu não tenho esse tempo. Você tem, mas eu não tenho.

(interrupção da plateia)

**Antônio Basile:** Se quiser discutir de homem para homem, eu estou à disposição.



**Coordenadora Helena Magozo:** Senhor Flávio Correa, por favor. Senhor Flávio Correa, depois senhor Toni Sando. Senhor Toni Sando, por favor. Depois a Luciana Lancelotti, e o Sérgio Barrera.

**Toni Sando:** Boa noite a todos. Meu nome é Antônio, represento uma fundação, uma fundação que trabalha para mais de 600 associados, entre eles, toda hotelaria, gastronomia, espaços de eventos, centro de convenções. Somos responsáveis por trazer pelo menos boa parte dos visitantes que vêm para eventos na cidade. A esperança que a gente tem em relação à construção e equipamentos, acompanhando Copa do Mundo o ano inteiro, e o exemplo que Londres e Lisboa, juntando a iniciativa privada com a iniciativa pública, para criar equipamentos, valorizar os empreendimentos, junto à própria região ao seu redor, é muito mais positiva do que ficar esperando sentado, aguardando que o setor público resolva todas as questões. Da nossa parte, como sociedade privada, e sendo uma sociedade civil organizada, a nossa leitura é muito simples: se deixar como está, não é o setor público que vai resolver, que quem deve resolver alguma coisa são os cidadãos. E a melhor forma de fazer isso é juntar o que pode ser bom em um lado e o que pode ser bom de outro. Deixar um equipamento como esse, da forma como está, ou aguardar que o setor público possa arrumar dinheiro suficiente, esperando que no final do ano, tem eleição, e outro governante pode não ter esse privilégio de ter esse Secretário que temos hoje, podem jogar tudo por água abaixo, algo que pode valorizar o empreendimento que vocês têm, a região que vocês têm, e não ter essa vergonha que a gente tem quando leva visitantes para a Augusta e pega um monte de gente jogada no chão, ou o parque degradado, cheio de cachorro fazendo xixi na rua. Obrigado.

**Luciana Lancellotti:** Eu estou aqui pela quarta vez para assistir uma audiência pública, de uma área, de um dos terrenos (incompreensível) já é público. Sendo que a gente está tentando cancelar essa audiência hoje, porque o proprietário está abrindo um processo (incompreensível) ser feito uma (incompreensível) regular em todas as (incompreensível). Isso foi a Secretaria do Verde, a Polícia... Não adianta vir (incompreensível). Está tudo escrito, tem o laudo. O senhor foi multado em mais de cem mil reais. Então está essa coisa pendente. Não deveria nem estar tendo essa audiência. Eu só vim aqui dizer que eu moro lá há 46 anos. Embaixo daquele terreno tem uma adutora. Se começar a construir, vai cair todas aquelas árvores. Elas são centenárias. Infelizmente a corrupção e a especulação imobiliária andam junto, ali. Os políticos... Eu só tenho a dizer que nós não deixaremos construir, nem que a gente tenha que se jogar lá, se amarrar em árvore... (incompreensível).

(interrupção da plateia)

**Sérgio Barreira:** Atenção, Atenção! Um minuto. Auditório, muito obrigado pela atenção de vocês. Eu sou dos Aliados do Parque, e gostaria de deixar aqui, muito claro, que nós temos 18 empreendimentos imobiliários naquela região, entre a Peixoto Gomide e a Praça Roosevelt. Eu pergunto para onde vai o saneamento básico desses empreendimentos? Para onde vai escoar a quantidade de veículos que vão aumentar naquela região? Então é



obrigação do governo nos proporcionar qualidade de vida em uma cidade **quase humana**, onde a gente possa conviver, usufruir de área verde. É Constitucional o direito à área verde. Nós não precisamos (incompreensível) à iniciativa privada. O que o Eduardo Jorge, o Secretário, falou, que o Kassab criou várias praças, está aqui. Ele criou em áreas aonde já tem verde. Então não nos interessa criar área aonde já tem verde. O que interessa é criar uma área verde. O que interessa é o centro, que sempre **foi largado**, não tem área verde. Esse é o último pulmão verde. E o que nós estamos vendo aqui é uma farsa. Eu pergunto ao Secretário do Verde e do Meio Ambiente, que se diz democrático, que democracia é essa que precisa de quatro audiências públicas para que o povo se manifeste e grite sonoramente: “Não à construção. Não à construção. Não à construção.” Os que estão aqui, os que estão aqui a favor de construção são os interessados em lucrar, em faturar. Em cima, em cima do sofrimento do povo, da população, que quer saúde, quer educação e quer verde para respirar. É isso aí. (incompreensível) Augusta já!

**Coordenadora Helena Magozo:** Antônio Carlos, por favor. Célia Marcondes. Quem é o Antônio Carlos? Célia Marcondes e Jorge Eduardo, na sequência.

**Célia Marcondes:** Senhoras e senhores, boa noite. Eu sei que os senhores estão aplaudindo, que cada um aqui tem um interesse pessoal. O nosso, graças a Deus, é só com o verde, só com o meio ambiente. Eu sou Célia Marcondes, sou advogada, sou especialista em direito ambiental, já fui procurada por essa construtora, que já tentou me seduzir. (incompreensível). Todos, hoje, estão sendo abduzidos. E olha, esta é a última área verde que nós temos na região. Esta é a última área permeável da região. Ela é tão importante para a cidade de São Paulo, que o senhor secretário fez o DUP. Que infelizmente, até agora, não foi cumprido. Mas será, porque agora reabriu o prazo de mais 5 anos. Nós perguntamos: cadê os nossos empreendedores responsáveis nesse país? Cadê o empreendedor que vem construir alguma coisa e paga, e paga a quantia em áreas verdes? Eu, se fosse Secretária de Meio Ambiente aqui eu cobraria isso em área verde. Esse parque já poderia ter sido concedido com dinheiro das construtoras. O parque inteiro. Eu sei que os senhores estão em desespero por causa dos seus empregos, gente. Mas antes do emprego, vem o ar para respirar. Senhores, eu sou, também, especialista em inventários, e faço maravilhosos inventários em que os senhores lutam tanto para ficar bilionários, da forma que fazem, estupram áreas verdes, passam por cima da nossa história, ficam milionários, e depois morrem e deixam um bom inventário para a sua família. Lembrem disso: os senhores não estão aqui para sempre. Senhor Abud, o senhor está muito próximo disso. Portanto. Eu também estou próxima disso. Eu também estou próxima disso. Mas antes disso, posso deixar para as gerações futuras áreas verdes. São Paulo vem sendo estuprada diuturnamente pelos senhores. Então, basta, chega de blá blá blá. Queremos o Parque Augusta já. Chega de blá blá blá. Queremos o Parque Augusta já. Chega de blá blá blá. Parque Augusta já.

(interrupção da plateia)



**Luiz Celso Barros:** Boa noite. Meu nome é Barros, eu represento a DEMA – Direito Econômico de Meio Ambiente. Eu fico nervoso ao falar em microfone, então me desculpem. Primeiro, quero cumprimentar a mesa, os presentes aqui. E é inquestionável a capacidade (incompreensível) técnica das empresas que estão fazendo a proposta. Mas não é o que está em mérito. O que eu tenho a falar é o seguinte: são pontuais as minhas colocações, a área que realmente está arborizada tem 8700 metros quadrados. Por que eu sei disso? Porque eu faço parte do Movimento SOS Parque Augusta. Contratamos um levantamento topográfico, e a área realmente com cobertura vegetal, ainda existente, porque ao longo desse período todo, a empresa de estacionamento, não sei se com o concurso do proprietário do imóvel, que tem pleno direito, claro, sobre a propriedade, usou sistêmico para matar as raízes da área onde estacionam os automóveis. Inclusive, eu denunciei, no 4º DP, uma poda irregular, que eles cortaram de maneira irregular. E aí, as árvores absorviam a umidade e apodreciam o cerne, caindo. Aí era a desculpa para a poda. Na delegacia, eu precisei chamar o Marques, promotor público, porque queriam reverter quase... eu, como denunciante do crime ambiental, quase fui... inverteram a ação contra a minha pessoa. Precisei contratar advogado, e a coisa morreu nisso daí. Outra coisa que eu tenho para colocar, o Sérgio já colocou anteriormente, eu sou do ramo de construção civil, então eu posso escolher na área de construção civil especializada, (incompreensível) construção civil. Acho que é viável. Mas lá, é um lugar extremamente saturado. O trânsito lá já é caótico. Meia-noite, quem é da área, como eu, sou proprietário, e também vivo na região, não aguenta o buzinaço. Por quê? Porque o trânsito não anda. Além do mais, a tubulação, lá, ainda é de 1938 e 42, de 30 centímetros de diâmetro. Não dá vazão a novos empreendimentos. Já está superlotado. Por isso mesmo, vira e mexe, temos problemas na área. Além do mais, é o único pulmão, uma única área verde. Quanto ao pagamento, e é um direito legítimo do proprietário, se não existe mesmo o dinheiro, não tem como fazer um remanejamento do caixa, para pagar isso daí para o proprietário do imóvel, existem ONGs internacionais que fazem a captação de recursos para compra de espaços. Desde que haja interesse do proprietário e da Prefeitura, em dar continuidade nisso. A iluminação pública, ela vai perturbar, claro, o meio ambiente, por quê? Porque lá têm pássaros de todo tipo. E a vegetação. Não é um lugar que tenha que ser... pelo tipo de vegetação e pelo tipo de flora, que tem que ter iluminação. Porque tem que ser feito um rimo. E finalizando, eu estou trazendo para a discussão, o doutor Maurício Antônio Ribeiro Lopes, ele é promotor público de meio ambiente e urbanista, e a promotora Dulce, doutora Dulce, promotora comunitária, que fazem parte comigo, do fórum de São Paulo e fórum Centro. Eu também sou membro do CONSEG Centro e membro da Comissão de Segurança Pública. Boa noite.

APLAUSOS

**Maria Inês:** Boa noite. Eu sou Maria Inês, Tomo conta, hoje, sou presidente de uma entidade que cuidam de 1500 crianças e 56 idosos. Essa entidade nasceu dentro deste terreno, dentro deste colégio, e digo para vocês o seguinte: o parque está aí, o projeto está aí. Eu, hoje, faço convênio com a Prefeitura, eu dependo de dinheiro público para pagar meus funcionários, comida etc. Muito bem. Gente, é impossível depender da Prefeitura. A Prefeitura não tem recurso. Não tem. Então a proposta está aqui, a ser discutida. Os



proprietários, os empreendedores estão abertos a sugestões. Então por que vocês não sugerem se o pa... vocês podem por o parque já. O parque já está lá. Gente, os empreendedores não estão negando. Eles não estão dando o parque a vocês. O parque está aí. O projeto é de primeiro mundo, gente. Esse projeto é projeto de primeiro mundo. O trabalho que nós executamos nas nossas creches e nos nossos centros de jovens, eu considero o nosso trabalho lá, na nossa entidade, um trabalho de primeiro mundo. E digo para... Mesmo, mesmo tendo uma dificuldade miserável com a Prefeitura. Eu não fiz baderna enquanto todo mundo falou. Por favor. Pombas! A gente até perde o fio da meada. Caçamba! Pombas! Então, pessoal, é sério mesmo. Se eu faço um trabalho de primeiro mundo, eu quero, para a minha cidade, um futuro melhor. Eu estou dando, eu estou propiciando para as minhas crianças um futuro muito melhor. Eu estou proporcionando para os meus idosos, um futuro muito melhor. E um parque, um projeto como esse, em uma área degradada como está hoje, isto é um futuro muito melhor. Só isso que eu quero dizer para vocês.

APLAUSOS

**Coordenadora Helena Magozo:** Agora nós vamos começar então, com a manifestação das pessoas físicas, cidadãos, não entidades. O seu nome?

**Marco Antônio Almeida:** Boa noite a todos. Eu represento a Associação Viva o Centro. E eu faço, aqui, algumas considerações que nós fizemos, sobre essa questão do parque, do empreendimento etc. As considerações, basicamente, é o seguinte: este terreno tem dono, e está sendo objeto de decreto de desapropriação. Para se implantar esse parque, evidentemente, a Prefeitura terá que desembolsar, adquirir o terreno, desapropriar ou adquirir esse terreno. O que nós estamos vendo a Prefeitura fazer é... Esse terreno é um terreno numa área nobre da cidade. E o que a gente está vendo, é a Prefeitura, hoje, procurando vender os terrenos que ela tem em área nobre, para procurar, para fazer outras (incompreensível) principalmente as creches etc. Acabamos de ver uma Prefeitura baixar um decreto retirando, dessa área, a escola, a EMEI. A EMEI estava prevista também, por decreto anterior, se instalar nesta área. A Prefeitura já retirou a EMEI. O que significa, o que é uma sinalização que a Prefeitura está resolvendo (incompreensível). Por quê? É evidente, evidente, a minha percepção, que a Prefeitura vai... esse decreto já foi baixado há quase 4 anos. Falta um ano para ele caducar. Vai caducar na futura gestão. A grande tendência é que isto não será reeditado, esse decreto. Então ele vai morrer. Morrendo, o empreendedor pode fazer o que bem entender. O que bem entender. Então veja, existe uma possi...

(interrupção da plateia)

**Marco Antônio Almeida:** Se você puder escutar. Se você puder escutar, como eu te escutei. Então, se acontecer desse decreto, caducar no dia 17 de agosto de 2013, o empreendedor terá o direito de fazer o que bem entender nesse terreno. Claro, obedecida as leis. Mas ele terá direito de fazer isso aí. Então esta proposta, que é uma parceria, que é de abrir 80% da área ao público, fazer a manutenção da mata, fazer a manutenção do parque. Esse parque,



80%... eu já vou para a segunda proposta, que eu acho que é muito melhor que a primeira. Quanto mais área livre, quanto mais área livre é melhor.

(interrupção da plateia)

**Marco Antônio Almeida:** Não. A sua opinião, depois você pode vir aqui, defender aqui. Eu posso falar? Então é o seguinte: (incompreensível) se estiver aberto ao público, com segurança, como empresa, esses custos... bom, os jornais estavam vendo que a pre... hoje, nós temos 26 fontes na cidade, secas. Estão secas por quê? Ah, a Prefeitura não tem condição de manter a água funcionando etc. Então o que nós vamos ter? Se nós vamos ter um parque, aonde existe a obrigação do condomínio, onde nós podemos acionar o condomínio (incompreensível) terá que ser feito por escritura pública (incompreensível). Nós vamos ter de quem cobrar. Porque não adianta cobrar do governo. Cobrar do particular é mais fácil. Cobrar do governo não adianta. Então, se nós vamos ter isso, é muito melhor do que deixarmos, primeiro, deixar caducar o decreto no dia 17 de agosto, ele caduca. Se for renovado. É possível? É possível renovar. Depois de um ano é possível renovar. Segundo, fica mais cinco anos congelado. E aí, essa situação que está lá, que é péssima... Quando aquele empreendimento não está aberto ao público...

(interrupção da plateia)

**Marco Antônio Almeida:** Olha, não vamos fazer diálogo. Você vai falar depois. Você vai falar depois. Cada um fala. Então é o seguinte: na nossa visão, eu acho que a gente pode negociar mais. A nossa proposta é a favor da abertura da negociação entre os empreendedores e a Prefeitura, até para, eventualmente, melhorar um pouco mais. Por exemplo, já dou uma sugestão aqui, para ficar registrado, além daquela rua Gravataí, a minha sugestão é, por exemplo, no fim da Caio Prado, na esquina de onde tem a Frei Caneca, tem uma escadaria e uma área verde que está degradada. Isto poderia... que vai até a Avenida 9 de Julho. Esta área poderia, também, entrar nestas contrapartidas do empreendimento. Então a nossa sugestão é que seja feita a negociação, se abra essa negociação, porque eu acho muito melhor isso, do que deixar no estado que está lá.

APLAUSOS

**Emerson:** Boa noite a todos, senhor Secretário, demais membros que compõem a mesa, moradores. Antes de mais nada, eu gostaria de iniciar com uma frase célebre do papa: "Dialogar é descobrir. Quanto mais avançarmos na descoberta dos outros, quanto mais substituiremos as tensões em laços fraternos. E por paz." Em respeito a todos os moradores, em nome da ONG Sol do Vale, do qual faço parte, queremos contribuir, de forma a aprimorar as ideias. Antecipo que a proposta, a segunda proposta, atende tanto as necessidades dos moradores, quanto também do empreendimento. O Sol do Vale é uma organização sem fins lucrativos, e não governamental, situada na região central de São Paulo. Seu maior objetivo é o disponibilizar serviços para a comunidade mais carente, resgatando o respaldo, até, da cidadania. São realizados, aliás, projetos sociocultural-



educativo, abordando, principalmente, a questão da sustentabilidade. Tendo, com esse conhecimento, deste projeto, deste empreendimento, nós percebemos nitidamente o respeito à natureza, o respeito aos moradores da região também. Atualmente, estamos empenhados com o resgate histórico sociocultural nos bairros Bela Vista e Consolação, para serem documentário minucioso através de muitas das pesquisas históricas. As manifestações culturais presentes na costa do Divino Espírito Santo foi um fator determinante e crucial para formação e urbanização da região. E nosso maior intuito é contribuir de forma ativa e positiva para melhoria na qualidade de vida, dos moradores da região principalmente. Por essa razão, solicitamos, aos responsáveis pelos decretos, uma atenção redobrada na agilidade principalmente. Afinal de contas, é um terreno que está à mercê há quanto tempo? E vai continuar assim, nesta discussão, por quanto tempo? Estamos solicitando ao senhor Secretário agilidade. Já se passaram décadas, e a comunidade desta região necessita de uma atitude imediata para sanar, de vez, as ansiedades dos moradores. É necessário que o parecer não fique aprisionado entre linhas, manuscritos ou decretos. Estamos engajados e comprometidos pela melhoria do bairro. Segurança, conforto, lazer, e garantido a integridade de cada cidadão. Queremos respeito pelo meio ambiente, sim, claro, óbvio. E queremos desfrutar da qualidade de vida também. Aliás, o progresso existe. Não estamos pedindo muito, e, sim, apenas queremos ser ouvidos pelas próprias necessidades que tanto priorizamos. Quando pensamos em empreendimento, estamos investindo. Portanto, é necessário investir com consciência, em busca de melhorias da qualidade de vida. Muito obrigado e uma boa noite.

## APLAUSOS

**Annabelle Andrade:** Boa noite a todos, boa noite a todas. Meu nome é Annabelle Andrade, sou de Curitiba, adotei São Paulo como minha cidade, e trabalho com a população de rua, que é só 12000, aqui na área central. Temos uma questão muito importante ali, que são os moradores de rua. Aí eu vi esse belíssimo projeto, de Oslo, porque ali é Oslo.

(interrupção da plateia)

**Annabelle Andrade:** Por favor, gente. O que nós vamos fazer com os moradores de rua quando se abrir o pa... vamos chamar GCM? Como é que vai ser? Como vai ser a questão do empreendimento que o professor... Eu já vi palestra sua, professor. É belíssimo o seu projeto. Porém, ele não fala da captação da água, ele não fala da questão do resíduo, ele não fala do impacto ambiental que vai acontecer a partir do momento...

(interrupção da plateia)

**Annabelle Andrade:** Por favor. A partir do momento que as torres, como tem o projeto em Nova Iorque, quando a gente tem Burle Marx, que é o pai do paisagismo da questão brasileira, o nosso país é o centro. Eu morei 15 anos na Europa, por acaso em Bruxelas. Todo mundo está vindo para cá. E nós vamos fazer... pegar o projeto do americano... Pelo amor de Deus, sem americanos. Nós temos que ser brasileiros. E principalmente,



principalmente, ver a questão da parte sub. Ali nós temos uma questão geográfica e geológica diferente. Pelo amor de Deus! Como é que nós vamos fazer uma torre? Quantos andares vai ter essa torre, doutor?

(interrupção da plateia)

**Annabelle Andrade:** Então, como é que nós vamos fazer isso, se essas pessoas que estão aqui, se autoaplaudindo, sabe, quando se fala do projeto delas, são capitalistas? Ótimo. Nós vivemos aqui. E nós não queremos esse edifício. São Paulo tem a maior receita da América Latina. Não venha me dizer... Aquela senhora que é minha colega de ONG, dizer que essa cidade não tem dinheiro. Tem dinheiro mal empregado. Então é isso. Essa é a nossa voz. E vocês não vão conseguir fazer isso. Cadê o meu promotor público, doutor Marques Rossel? Cadê o Marques? Ele tinha que estar aqui, para nos defender do capitalismo e dessa questão. Obrigada.

(interrupção da plateia)

**Coordenadora Helena Magozo:** Por favor, eu vou falar as cinco primeiras pessoas inscritas na lista de moradores, ou não entidades. Por favor, vão ficando aqui, ao lado, para a gente agilizar o processo. Alessandra Godoy, Carolina Freitas, Jacqueline Miranda, Gleidson Cantalice, Sarita Pischner. Eu estou na lista de moradores, seguindo a ordem da inscrição, gente. Por favor, prestem atenção.

**Gleidson Cantalice:** Boa noite a todos. Eu, como morador da região, eu estou vendo muita gente falar democracia. É engraçado, que parece que a gente está esquecendo o objetivo principal, que é a melhoria do município. O pessoal que está a favor do terreno, qualquer pessoa que venha falar a favor, vocês falam que a gente, ou é comprado, ou que... Vocês têm que respeitar nossa opinião também. Eu acho que a gente tem que respeitar a de vocês e vocês a nossa. Eu estou dando a minha opinião de morador. Eu escutei de todo mundo, quero que vocês escutem também, e vou escutar os outros que vão falar. Eu acho que essa é a democracia. Uma coisa simples. A colega aí falou dos moradores de rua, eu não entendi. Acho que ela vai enfiar os moradores de rua dentro do parque, que ela falou de prédio... Cadê os moradores de rua? O que vai fazer com eles? Gente, é imprescindível, eu acho que para o bem da cidade... eu, como cidadão paulistano, vai sair dinheiro do meu bolso para comprar um terreno, por capricho. Para falar por quê? Por causa de 12% ou 13% que vai ser o projeto... Gente, eu escutei. Depois vocês podem falar. É a minha vez. Por favor. Eu, como cidadão paulistano, eu ficaria indignado em saber que nós vamos gastar um dinheiro muito grande que poderia ser empregado até para a colega de compra dos homens de rua. Eu, como alguns amigos aqui, a gente faz doação para esse pessoal. A gente vai... Bom, gente, não vem ao caso, mas assim... Posso falar? A minha opinião é simples. Eu, como cidadão, eu acho que um projeto desses, que vai beneficiar todo mundo, e vai sair de graça para o município... Não. Vamos raciocinar. Quer dizer, vamos tirar dinheiro do bolso de toda população...



(interrupção da plateia)

**Gleudson Cantalice:** Mas eu também pago. Nós pagamos. Só para terminar, já que, para variar, vocês não deixam a gente falar, a coisa é simples. O imposto que você paga, eu também pago. Eu também pago. Eu também pago IPTU. Gente, só estão esquecendo aqui, parece... eu ouvi duas coisas com o pessoal, inclusive você que estava do meu lado aí, toda hora, berrando, falando: *“O terreno é público. O terreno é público. É público. O terreno é da Prefeitura.”* Acabamos de falar, o próprio Secretário, quando começou a falar... Bom, eu não vou ficar discutindo. A minha opinião é o seguinte: eu acho que para o município, para o município, o melhor é o empreendimento. Por quê? Porque não vai se gastar nada. Está se respeitando o meio ambiente. Está preocupado com a permeabilidade que vocês estão falando. Gente, só tem benefícios.

APLAUSOS

**Coordenadora Helena Magozo:** A Jacqueline Miranda, depois é a Sarita, e depois nós damos uma pausa para uma resposta da mesa.

**Jacqueline Miranda:** Eu vim aqui logo que eu soube dessa apresentação. Eu já me convenci que seria importante vir aqui e dividir com vocês a minha experiência, que é positiva. Eu trabalho no Brooklin há mais de cinco anos, e eu vi a mudança com o projeto que foi realizado lá. Eu fui beneficiada com aquilo. E acredito que vocês também podem ser beneficiados com esse projeto. Lá, eu presenciei a mudança. Eu vi o que aconteceu, a diferença. E acredito nesse projeto. Esse projeto tem o meu apoio.

APLAUSOS

**Sarita Pischner:** Boa noite. Eu, como estudante, eu nunca tinha visto um projeto que tem 85% de área verde. Vocês vão ter o parque e a praça, mas pelo visto, vocês estão querendo briga. Não parque. Porque o parque vocês vão ter. A praça, vocês... E outra coisa: vocês estão preocupados com o meio ambiente, quem fez esse folheto aqui? Papel do quê, reciclado? Agora, do jeito que está, nessa bagunça, nessa desorganização, com o intuito de vocês de ter mata, ter árvore, vocês podem unir junto com os empreendedores e fazer os dois.

APLAUSOS

**Flávio Gonzales:** Boa noite. Não represento nada, não sou de nenhuma ONG, agradeço a presença dos promotores, porque eu estou aqui, me sentindo assim, quase roubado, senhores. Não consigo entender porque o meu município terá que pagar... O bom é que já é dele, dizem que é público, ou aquilo que alguém está se oferecendo a fazer de graça. Por que eu e todos os meus conterrâneos temos que pagar por aquilo que, ou é nosso, não sei se é nosso, não vi a matrícula, ou não é nosso, mas alguém está querendo fazer de graça.



Alguma coisa está mal contada. Não sei qual posição é essa. Mas alguma coisa está muito mal contada. (incompreensível).

APLAUSOS

**Oradora não identificada:** Boa noite a todos. Eu sou da Peixoto Gomide, e eu achei o projeto sensacional, porque vai acabar com o problema de um terreno muito mal utilizado. E outra, vai dar um parque para a população agora, um parque que vai ser preservado, mantido e limpo. Então eu sou a favor. É melhor um parque agora, do que um futuro incerto, que vai depender de verbas públicas (incompreensível). Obrigada.

APLAUSOS

**Coordenadora Helena Magozo:** Eu queria, agora, que a mesa se posicionasse em relação a algum esclarecimento do que já foi falado. E nós já retomamos as manifestações.

**Benedito Abud:** A ideia é o seguinte: que a gente responda algumas das questões que foram colocadas. Eu acho muito interessante esse debate, que é democrático, tem gente que é a favor, gente contra, mas é assim mesmo. Falou-se aqui sobre resíduos, sobre a destinação desse tipo de coisa. Gente, eu só posso dar a minha palavra, a gente trabalha para essas empresas, e hoje isso é uma questão básica. Está certo? E você destinar esses resíduos para locais apropriados para isso e reciclá-los. Isso é fundamental para a sustentabilidade, todo mundo sabe disso. Falou-se em crianças no parque, crianças de rua no parque. Quando eu fiz essa apresentação, eu falei que esse parque seria para todos, coloquei crianças... A gente está imaginando ter áreas, sim, para crianças, até porque a gente já tem uma experiência muito grande em parque, e a gente sabe que os horários são bastante diferenciados. (incompreensível). Geralmente, nós temos horários de criança, de adolescentes, de pessoas idosas, mas isso não impede que haja um encontro conjunto. Então, óbvio, nós estamos, aqui, abertos para essa discussão. Achei muito legal essa questão da gente ter as crianças de rua participando, sim. Quanto à permeabilidade, não sei se vocês notaram, mas a intenção é fazer um parque praticamente sem área impermeável. Sem área impermeável. Apenas materiais permeáveis, para que essa água não contribua para as enchentes em São Paulo. Agora, em relação à questão (incompreensível), de estacionamento, como o pessoal ficou falando aí atrás, eu gostaria que o Antônio comentasse um pouquinho sobre essa questão.

**Antônio Setin:** Falou-se aqui, levantou-se dúvida a respeito de questões ambientais, problema de captação de água, permeabilidade do solo, resíduos etc. Esse empreendimento, como bem disse o Benedito Abud, essa proposta não aconteceu essa semana. Ela vem sendo trabalhada há 5 anos. Já houve a participação de mais de cem profissionais. Profissionais que, embora algumas pessoas não tenham demonstrado muito respeito, mas a sociedade, o poder público entende e avalia como pessoas sérias. Inclusive, a promotoria pública etc. (incompreensível) sujeitos a crítica e avaliação dessas entidades. Esse empreendimento contempla, sim, uma série de coisas na questão ambiental.



(incompreensível) o Secretário é uma prova disso, mas haverá espaço especial para resíduos sólidos, orgânicos. Orgânicos, por exemplo, com refrigeração, para que se evite cheiro, criação de insetos etc. Haverá captação de água, essa água será usada na irrigação, inclusive do parque. Haverá o uso de equipamentos elétricos que só acendem com a presença humana. E falando em equipamentos elétricos, teve um dos expositores que falou a respeito da iluminação, que a iluminação, ela é inapropriada, porque ela esquentaria aí, os pássaros etc. A iluminação foi uma proposta no sentido de precaver a segurança. A segurança hoje, eu, que acho que... e o verde, são dois pontos extremamente delicados, e que as famílias reputam como muito importante. Então a iluminação foi no sentido de dar segurança. Não aos empreendedores, não, porque se os empreendedores não colocarem iluminação, economiza bastante fio, poste e watts. Mas foi no sentido de dar segurança à população local, às crianças. E não aquele parque que 5 horas da tarde, todo mundo vai embora, de medo de ser estuprado, assaltado, abordado. Então essas questões ambientais estão computadas sim. As questões ambientais estão computadas sim. Não são só esses itens que eu coloquei, e que o Benedito colocou. A Setin tem este viés, nós já fizemos uma série de empreendimentos em São Paulo onde utilizamos captação de água, apartamento de água, energia solar etc., etc. Eu acho que isso seria quase uma aula técnica, que levaria muitas horas, e eu acho que não é o caso aqui. Com relação ao estacionamento. Hoje, o terreno é um estacionamento. E é um estacionamento que, com alvará ou sem alvará, não é uma questão dos empreendedores. É uma questão da Prefeitura. Mas o empreendimento, claro, será aprovado em todos os departamentos, e não são poucos. Um dos departamentos é aqui, do nosso Secretário, que é o DEPAVE, que é extremamente rigoroso. O outro é a CET e a CMT, que é trânsito. E, para quem não sabe, os empreendedores, a partir de 2 anos atrás, eles são obrigados, para aprovar um projeto, destinar 5% do custo do projeto para melhorias de trânsito: semáforos, faixas de pedestre, alargamento de via etc. E o estacionamento no empreendimento é ruim? O pessoal do teatro reclama que não tem aonde se estacionar carro. E eu acredito que os moradores daqui devem ficar muito felizes com todos os carros parados em cima das calçadas. Imagino que sim. Então, quem sabe, o estacionamento embaixo desse empreendimento, que durante o dia, os escritórios utilizarão seus automóveis. E à noite, moradores voltarão e ocuparão esse espaço que os automóveis dos escritórios forem embora. E os teatros poderão, também, reutilizar parte desses espaços que não estão sendo utilizados, e as pessoas poderão caminhar por aquele Boulevard, que o Benedito Abud colocou tranquilamente, sem ser abordado por trombadinhas, assaltantes, estupradores, até os teatros da Praça Roosevelt. O empreendimento terá, trará todos esses benefícios. Não cabe a mim levar, como você disse, trombadinha para a minha casa. Cabe ao poder público e cabe a nós contribuirmos. Eu duvido que alguém aqui, que esteja se opondo ao projeto já tenha tirado algum dinheiro do bolso para fazer alguma benfeitoria prática para esta região.

APLAUSOS

**Coordenadora Helena Magozo:** Por favor. O advogado da entidade gostaria de dar esclarecimentos sobre a questão da titularidade da área. Por favor.



**Advogado Carlos Alberto Maluf Sanseverino:** Eu queria trazer alguns esclarecimentos, para uma reflexão de quem está aqui. A Primeira coisa é: que bom que a gente tenha essa democracia de opinião de voz. Cada um pode falar, gritar, chorar, (incompreensível). (incompreensível) a sua opinião. É muito bom. Eu sou formado há 30 anos pela PUC, e lá atrás, isso não era possível. (incompreensível) entrou de cavalo lá (incompreensível). É muito bom a gente poder falar. Melhor ainda quando a gente pode ser ouvido. Eu acho que uma coisa que tem que ser dita aqui, a Célia Marcondes que está aqui presente, que defende o parque, que é uma pessoa que eu tenho enorme respeito, é uma profissional especialista em meio ambiente. Participou... (incompreensível) convidada (incompreensível) da Comissão do Meio Ambiente, uma pessoa seriíssima, (incompreensível) fosse candidata à vereadora, se for, é um excelente nome. Se for, é um excelente nome. Um nome que pode representar (incompreensível) porque a senhora conhece a realidade lá. Mas a senhora também conhece uma realidade, que é bom que se diga para a população que está aqui presente, representada pelos mais diversos setores, que é a realidade do nosso judiciário. E o Estado de São Paulo, hoje, tem mais de 18 milhões de processos. Estou dizendo que um processo que começa hoje, demora em média, para percorrer os quatro graus, 20 anos. 20 anos. E o que nós estamos dizendo aqui, basicamente, é o seguinte: tem um proprietário de um lote, em uma área muito importante, muito valorizada e muito bonita, no centro de São Paulo, para a qual ele tem um projeto, uma janela, neste momento. Por favor, deixa eu só concluir. Muito bem. Só queria concluir com a licença de vocês, me permitam. Esta janela que hoje aqui existe, a janela deste empreendimento, pode ir adiante ou pode não. Nada será resolvido hoje. Aliás, o Secretário Eduardo Jorge mencionou no início dessa noite, o que nós iríamos estar tendo aqui era um debate público. Nós íamos ouvir as mais diversas vertentes, que as pessoas iam poder vir aqui livremente expor as suas opiniões, que seriam respeitadas como um processo democrático, e que, ao final, a Prefeitura iria analisar, iriam conversar com o prefeito e avaliar se poderá ou não, autorizar o empreendimento. Nem se sabe se isso vai passar no CONPRESP ou não. O mais importante aqui, hoje, é esse debate sério, debate que tem que ser levado em consideração, e aqui eu faço um referencial sobre a questão formal. Não sei quantos advogados têm aqui, quantos promotores têm aqui, quantos estudantes de direito têm aqui. Como advogado há 30 anos, eu só estou notando o seguinte: ou nós vamos ter, a curto prazo, nos próximos 6 meses, um parque para a população, em 85% da área, ou nós vamos ter 20 anos de briga. Porque este proprietário que está aqui, não é obrigado a doar o terreno dele para a população. Isso ele não é obrigado. Por outro lado... Por favor, deixa eu só concluir. Por outro lado, o nosso Secretário, que é exemplar, porque é um Secretário que vai trabalhar todos os dias de bicicleta, que é um Secretário que sabe que o trânsito de São Paulo é um trânsito das 18 às 20 horas da média de velocidade de 8 a 12 km por hora, que sabe que a cidade tem mais de 7 milhões de automóveis, e que sabe também que aqui, ou nós vamos ter projeto de parceria e cooperação entre poder público e privado, que a cidade não pode parar de crescer. Ou não sei quantos terrenos da cidade de São Paulo, na história de São Paulo, tem uma oportunidade de empreendedores, estão dizendo que estão doando “uma parceria”, 85% da sua área para parque. Então, para concluir, faço a observação sob o ângulo formal, senhor Secretário, se nós tivermos a oportunidade de passarmos com este projeto, muito bem. Se não tivermos, infelizmente a questão será judicializada. E por último, com a licença da



doutora Célia, em que pese que eu sei que ela falou isso brincando, desejo ao Benedito Abud, cem anos de vida.

APLAUSOS

**Helena Magozo:** Senhor Antônio Carlos Ribeiro, ele disse que não ouviu eu chamar. Depois, na ordem, a Eliana Josefa, a Tatiana Bionconzini, e o Marcos Morcefe.

**Antônio Carlos:** a condição aqui, é (incompreensível), passei ali por aquela rua, com 9 anos de idade, indo para o Mackenzie. Peguei o auge dos Des Oiseaux, e o que ele representava para nós todos, paulistanos, que gostam desta cidade, e vejo, com 59 anos, todo aquele paredão se tornar, com licença das senhoras aqui, um grande mictório público. E não é pior, porque do outro lado tem a delegacia ali, que mantém um certo equilíbrio. Tudo já foi dito aqui. A justificativa... Tinha algumas questões que eu tinha dúvida, mas fiquei seguro aqui, pelas informações, agora ouvindo o doutor, o espaço que será preservado, levando em quanto à Legislação, quer dizer, o aspecto técnico, legal, me parece que foi preservado. E gostaria muito, talvez tenha a oportunidade de viver mais 50 anos, mas que eu vivesse mais 3 anos e visse aquele espaço preservado, inclusive para quem estudou no Des Oiseaux e passou por aquelas casinhas lá, que representam uma história de educação da cidade de São Paulo. Era isso o que eu queria dizer. E que a gente continue um diálogo saudável e que nenhum de nós seja desrespeitado, não somos farsantes. Muito obrigado.

APLAUSOS

**Eliana Josefa:** Boa noite a todos. Meu nome é Eliana. Vêm associações, vêm pessoas com várias opiniões aqui. Eu também entrei em um abaixo-assinado a favor. Só que hoje, eu vim representar duas pessoas especiais. Eu sou moradora da Rua Marquês de Paranaguá, eu estou representando João Paulo e João Pedro, que são meus filhos. Quando eu mostrei esse projeto para eles, eles já me perguntaram: “mamãe, quando que eu vou poder andar de bicicleta nesse parque?” Então, eu estou pedindo para o senhor, Secretário, eu gostaria muito que meus filhos participassem disso e realmente brincassem nesse parque. Porque eu moro do lado. Infelizmente, hoje eu não posso levar meus filhos lá. Porque as árvores, a maioria, estão podres. Não tem segurança. Eu moro na Marquês de Paranaguá, vi vários, vários, gente, todo mês tem assalto ali na frente. Nós temos a PUC do lado, quando fecha a PUC, várias mulheres foram assaltadas ali. Eu sou testemunha disso. Nós não temos segurança. Nós não... Eu ontem, na Marquês de Paranaguá, até a PUC, como muitas pessoas, e atravessa a rua por motivo de medo, porque não têm segurança. Eu sou moradora da Marquês de Paranaguá. E eu estou falando pelos meus filhos. Eu, como mãe e moradora, eu peço que saia esse projeto, sim. Que eu estou cansada... 20 anos que eu moro lá, nunca passei por nada. Está totalmente abandonado aquilo. E sem total segurança para nós. Então, eu peço, pelos meus filhos, pelo João Paulo e João Pedro, que saia esse projeto.

APLAUSOS



**Tatiana:** Eu sou Tatiana. Eu sou moradora também, da Caio Prado. Eu queria saber uma coisa que não foi falada, e que eu queria muito saber. Em primeiro lugar, se existe um laudo super seguro, confiável, técnico, assinado pela Engenharia de Águas, Hidráulica, e não sei mais quem seria o responsável, a respeito do impacto na impermeabilização dessa área na cidade. E tem um duto da SABESP ali embaixo. Vocês sabem que mais para cima tem o (incompreensível), mais para cima tem aquele lá da SABESP, lá. E tem um duto ali por baixo. Não sei quantos (incompreensível), eu perguntei durante essa apresentação. E eu queria saber se existe um estudo do governo, um estudo, assim, realmente sério e profundo, que a gente possa confiar, para saber se essa construção não vai entupir a cidade inteira. Porque eu moro na Caio Prado, começa a chover, se eu tenho que sair, eu olho pela janela do lado direito, primeira coisa que eu vejo, 9 de Julho, um tanto assim de água. A Avanhadava, descendo pela 9 de Julho, é uma cachoeira. Frei Caneca é um rio que vem da Paulista. A Augusta é outro rio que vem da Paulista. Na Augusta diminui a água, depois do parque. Por quê? Porque tem uma área permeável enorme, ali. Na Frei Caneca, não. A água desce que nem uma catarata do Iguaçu, para a Avanhadava, para aquele escadão que se falou em integrar, o senhor (incompreensível), falou em integrar aquela pracinha do escadão a todo esse projeto. Aquilo ali vira uma catarata do Iguaçu, vai dar na 9 de Julho, que se a gente lembrar vai dar no túnel do Anhangabaú, que a gente já sabe que não tem capacidade de vazão, que nas chuvas mais graves ele é fechado, e a próxima área permeável... que a Praça Roosevelt é uma floreira. Ela tem um túnel embaixo. Ela tem um concreto... isso é uma floreira, isso não é uma praça. Não absorve água. A próxima área permeável, se a gente começar a pensar, avançando na cidade, eu penso que é o Jardim da Luz, porque a República também tem metrô embaixo. Qual a próxima área permeável depois desse terreno? É o Parque da Luz. Então eu queria saber realmente se as pessoas aqui estão sérias, pensando no que pode acontecer, ou se elas estão na empolgação de achar que o empreendimento é bonito, é bacana, vai resolver de uma maneira mais rápida, a Prefeitura nunca vai comprar, ninguém tem o dinheiro... Não é assim. A gente tem que pensar a cidade no futuro mesmo. Qual o futuro dessa cidade?

APLAUSOS

**Oradora não identificada:** Eu moro em uma dessas cataratas que ela citou. É a primeira vez que eu participo de um evento desse. Já ouvi muita gente falando a respeito. Contra, a favor, ouvi muitas opiniões. E o que eu percebi é que todo mundo tem um ponto em comum: todo mundo quer o parque. É uma ideia que eu não tinha antes de vir aqui hoje, mas eu percebo que há uma opinião geral. Todo mundo quer o parque. E a discussão aqui, parece que é qual o tamanho que vai ter esse parque? Já que todo mundo quer o parque, e que existe um projeto que viabiliza isso, por que não? Por que não ter o parque agora? Eu sou moradora da região, eu acho que é muito mais seguro e muito mais viável a gente ter uma área agora, já com parque, já com a construção, beneficiando todo mundo, do que manter aquele terreno lotado de ratos e de marginal, que é o que está acontecendo, que eu não consigo passar por ali, e sem previsão, sem perspectiva nenhuma de melhorá-lo. Essa é a minha opinião.



## APLAUSOS

**José Augusto Ferraz:** Boa noite a todos. Meu nome é José Augusto Ferraz, eu acho que esse debate tem tudo para radicalizar, provavelmente existem opiniões de todos os lados. Eu, é claro, represento um desses lados. Eu sou partidário do grupo Parque Público, eu gostaria de explicar o porquê. Eu acho que hoje não devia se estar discutindo essa questão, se deve se ter o parque. A gente vai fazer apenas uma reflexão, sobre que tipo de (incompreensível) nós queremos? Todos nós reclamamos todo dia, e cada dia, a gente reclama mais. Sabe? O tempo que nós perdemos no metrô, o tempo que nós perdemos nos congestionamentos, o tempo que nós perdemos nos ônibus, a queda da qualidade de vida do cidadão dessa cidade, as pessoas estão se mudando daqui. As pessoas estão reclamando daqui, envelhecendo aqui. Na condição de vida cada vez mais idiota, porque cada vez mais nós estamos sendo afogados pela quantidade de prédios que estão se construindo e de uma forma absolutamente indiscriminada. Não existem critérios que levam em conta, de fato, se a população quer isso. Sabe? Que impacto que isso vai alterar a qualidade de vida das gerações futuras? Não se trata de buscar o lucro imediato (incompreensível). Os senhores que trabalham na indústria imobiliária, sabe, eu respeito o seu trabalho. Vocês deviam levar em consideração que nem tudo é para ser derrubado. Nem tudo pode ser passado por cima. Eu queria lembrar que é obra do passado, ela também destruiu, sabe, tudo, sabe? E hoje, ela se arrepende. E é por isso que hoje, a consciência dos europeus é infinitamente à frente da nossa, porque eles perceberam o quanto são importantes áreas verdes para a qualidade de vida. Você circular sabe, de bicicleta na cidade sem ser atropelado, sem ser jogado por um ônibus. Então é preciso reflexão, que vida os senhores querem? Se quer. Sabe? É muito cômodo pegar um terreno desse, maravilhoso, de 24000 metros quadrados, e porque a Prefeitura diz que não tem dinheiro, nós vamos abrir mão dessa qualidade de vida, e permitir que (incompreensível), entendeu? No começo era de 10 andares, agora não sabe. Então, nos convenceu... tentando nos convencer que muito mais bonitinho construir 50 andares. Só que nesse prato, meus amigos, de 20, 10 e 50 andares, não é isso que está em jogo. O que importa é que está se construindo no terreno, sabe? Que é a coisa mais preciosa que existe no centro de São Paulo. Não existe área para a população usufruir, sabe? Nós não queremos dividir espécie alguma desse espaço com prédios, porque a Prefeitura tem obrigação... O senhor Secretário do Verde, ele admitiu que esse terreno, ele foi incorporado (incompreensível) pela proteção da Prefeitura, que ele já disse que esse terreno, ele foi declarado de utilidade pública. Por quê, senhor Secretário? O senhor sabe disso. Porque a Prefeitura tem intenção de transformar esse terreno inteirinho em parque. Por quê? Nós estamos na quarta audiência. A primeira audiência, não sei se vocês sabem, foi há 5 anos atrás, 5 anos atrás, para se discutir uma questão semelhante. O (incompreensível) também trouxe um outro empreendimento. Aliás, é o quarto empreendimento que ele tenta colocar nesse terreno, e a Secretaria do Verde insiste em abrir audiências públicas para discutir: "vale a pena, ou não?". Na quarta audiência, nós já provamos, senhor Secretário. Nós temos mais de 25000 assinaturas que demonstram que ninguém quer construção. Porque tem muita construção. Tem muito prédio. Estão sendo construídos 12 prédios na região, no momento, no entorno



do parque. Existem shoppings... Já tentou até se construir um shopping lá. Já se pensou em construir um hotel lá. Não precisa de hotel. Tem tanto hotel. Então a questão é: por que nós não fazemos uma séria reflexão do que nós queremos no futuro? Por que nós não podemos exigir da Prefeitura... já que nós pagamos impostos, para que servem esses impostos? Têm um monte de finalidades. Têm que cuidar do morador de rua, têm que cuidar da saúde pública, têm que cuidar de uma série de coisas. Só que tem que cuidar também do verde. Então se nós queremos ser um país de primeiro mundo, nós já somos a 5ª economia do mundo, nós precisamos, agora, começar a pensar de outra forma. Não apenas ficar privilegiando o espaço que beneficia as incorporadoras. Mas o senhor tem que começar a pensar em espaço que beneficia a população. Nós não queremos prédios altos. Nós não queremos prédios altos. Nós queremos que o terreno, integralmente, seja comprado pela Prefeitura, porque a Prefeitura admite que esse terreno é de utilidade pública. Existe um projeto de lei que já propõe a criação do Parque Augusta... Me desculpa, ele teve duas horas para falar, eu posso falar um pouco mais que isso. Então, apenas gostaria de insistir que a Prefeitura assumisse o papel. Eu acho absolutamente condenável que o senhor Secretário do Verde permita, (incompreensível) do verde, mas dizer áreas verdes da... quanto mais área verde tiver, o senhor (incompreensível) muito melhor. Entendeu? Então, por que o senhor permite que se construa um prédio que vai diminuir uma área verde sua? O senhor está cedendo uma parte dessa para construção. Nós não queremos construção. Nós queremos área verde. Nós queremos um parque. Nós queremos que a Prefeitura compre esse terreno, porque ela tem dinheiro para comprar esse terreno. E ela construa um parque decente, porque existem centenas de parques em São Paulo que são decentes, mantidos pela Prefeitura. Por que esse não poderia ser? Por que se precisa da iniciativa privada? Não precisa, meus senhores. Não precisa.

(interrupção da plateia)

**Márcia Bonilhanovo:** Boa noite. Meu nome é Márcia Bonilhanovo. Para quem duvida que eu sou moradora do bairro, está aqui meu IPTU, meu documento. Enfim, eu posso dar um depoimento com muita propriedade. Eu moro aqui nesse bairro desde que eu nasci. Nasci na Avenida Higienópolis, hoje moro na Avenida Higienópolis, estudei na Pontifícia Universidade Católica aqui, fiz especialização no CODIAI, com a professora Tereza Arruda Alvivander. E não consegui ainda, minha casa, que fica exatamente a 800 metros daqui do CODIAI para cá, a pé, por questão de segurança. À noite, é impossível andar aqui. Vocês bem sabem disso, e vocês, representantes, sociedade locais, sabem disso, por favor. Outro ponto importante basta observar até à delegacia, aqui na Marquês de Paranaguá, e verifique quantos boletins de ocorrência por furto e roubo, são lavrados dia a dia. Enfim, eu acho que a gente precisa esclarecer o seguinte: ou a gente vai ter o parque dessa forma que está sendo proposta, ou a gente não vai ter. Sabe por quê? Porque a Prefeitura tem mais um ano, só, para desapropriar esse terreno. E a gente sabe que a Prefeitura não tem dinheiro. Gente, vocês querem que a Prefeitura tire dinheiro do bolso. Cem milhões de reais, para fazer um parque desse, ao invés de investir em saúde, em educação. Pelo amor de Deus!

APLAUSOS



**Adão Machado:** Eu, como a moça ali, estão aqui as minhas contas para provar o meu endereço, sou do bairro, moro aqui há 40 anos. Cerqueira César, conhece? Então, é isso. Quer minha conta? Freqüento, freqüento essa região desde menino. Fiz muita bagunça na Rua Augusta, como todos vocês, mais ou menos na minha ideia. E eu moro na Rua Augusta, porque eu moro na paralela... na continuação do lado de lá. Mas não deixa de ser a região, meu amor. Então, é o seguinte: está tudo degradado. Alguém falou aqui de trânsito à meia-noite. É por causa desses barzinhos de baixo nível que têm na Rua Augusta. (incompreensível) empreendimentos que vão ter, vão melhorar o padrão, vai voltar o antigo...

(interrupção motivada por acometimento de saúde de um munícipe da platéia)

**Helena Magozo:** Vou pedir que as pessoas se sentem agora, estamos mais tranqüilos, que o nosso amigo já teve o atendimento e encaminhamento adequado. Por favor, todo mundo sentado, para retomarmos a apresentação pública.

**Adão Machado:** Gente, só para terminar, eu vou contar uma história para vocês. Há 50 anos eu sou advogado. Há 50 anos, nós tínhamos um escritório aqui no centro da cidade, meu avô, meu pai. E há questão de 20 anos atrás, nós tivemos que sair do centro pela degradação. Eu mesmo, com esse corpinho, fui jogado no chão por dois bandidos que me assaltaram. Eu não quero isso para ninguém de vocês. Então, a única maneira que a gente tem é revitalizar o centro. E a única maneira de revitalizar o centro e as regiões em volta, é trazer novos empreendimentos rentáveis, empreendimentos que sejam de acordo com a natureza, como esse, que deixa 82% da praça liberado, e ter a praça. Isso é bom para todo mundo, gente. Vamos pensar nisso. Pensar na saúde da gente, na saúde de todo mundo, na integridade física de todos. Obrigado.

APLAUSOS

**Tatiana Destro:** Boa noite. Eu sou arquiteta urbanista também. E eu estou com uma dúvida de quem é contra. Quantas vezes vocês enfiaram a mão no bolso para fazer alguma coisa pelo parque que vocês tanto reivindicam? Todo mundo quer o parque. Posso terminar? Posso terminar? Todo mundo quer o parque, eu quero, todo mundo quer. Só que a questão é: como ele vai ser viabilizado? A gente tem que esquecer a questão do empreendimento, e do benefício para a cidade.

(interrupção da plateia)

**Tatiana Destro:** O senhor esteja à vontade para ir embora. Como ele vai ser viabilizado? Quantas vezes vocês... Todo mundo reivindica. A gente sabe que a Prefeitura não vai fazer, como não fez muitas coisas que todo mundo quis, e ela não tem o recurso para fazer. Ninguém está proibindo de ter o parque. Ninguém está falando: *“vamos morar na área, ninguém pode frequentar, ninguém vai poder passear”*, como todos fazem. Eu já passei naquela rua várias vezes, à noite, Tive medo de ser assaltada. Então é muita hipocrisia



vocês falarem de verde, e todo mundo entrar no seu carrinho e ir embora. Vocês poluem de outras formas, e reivindicam tanto o verde. Vocês deveriam ter mais consciência do que vocês estão pedindo e apresentar uma proposta para viabilizar. Eu moro na Saúde, mas frequento a região.

(interrupção da plateia)

**Tatiana Destro:** Você tem toda... Quer vir aqui falar? Você pode vim. Eu te dou o microfone. Eu já concluí. É a minha opinião. É que eu sou a favor, porque é a única maneira de viabilizar o negócio. Agora, se vocês querem ser contra... Vão ter que ser... Muitos de vocês vão morrer e esse parque não vai estar pronto.

APLAUSOS

**Daniele Araújo:** Boa noite. Meu nome é Daniele Araújo. Eu também sou arquiteta. E, eu acho que esse projeto tem muitas melhorias a trazer para o centro. Eu acho bem melhor ter um negócio para ontem, do que esperar 5, 10, 20 anos, todo mundo morrer e ninguém ver parque nenhum.

APLAUSOS

**Elizabeth Fortunato:** Boa noite. Eu fiquei muito contente, porque eu vi uma pessoa aqui, embora ela defenda uma posição oposta à minha, falar em educação. Eu venho aqui porque eu sou moradora da Rua Marquês de Paranaguá, número 51, vizinha à área do parque. E porque eu sou professora de uma escola estadual, chamada Caetano de Campos, da Consolação. Seguramente, todos vocês já ouviram falar dessa escola.

**Orador não identificado:** Estudei lá.

**Elizabeth Fortunato:** Ótimo. Então é nessa escola que a gente trava várias lutas, uma delas é para educar os cidadãos a perceberem a cidade como um direito das pessoas. E como um direito, elas têm que participar dessas decisões. Aqui, alguém já falou do impacto ambiental. Os meus alunos sabem disso, que quando uma obra, ela vai provocar mudança na população, a população tem que ser ouvida. Uma coisa como está acontecendo hoje, aqui. Bastante democrática, como vocês puderam ver. Democracia é assim. Esta é a quarta audiência que eu assisto. Os primeiros alunos que eu levei, hoje, eles já estão no colegial. E eles mandaram um recado para o prefeito Gilberto Kassab, e eu gostaria que alguém, por exemplo, o Secretário Eduardo Jorge pudesse fazer o favor de levar. Esses alunos que já acompanham isso há mais de 10 anos, eles defendem a criação do parque... Não esse projeto do Nova Augusta, que pode até ser adequado, mas não ali, gente. A Consolação, em São Paulo, é uma das áreas mais pobres em verde. Quando todo mundo, brilhantemente, coloca exemplos das metrópoles internacionais, das grandes obras, eles esquecem de dizer que essas metrópoles, elas têm o mínimo de área verde determinado pelos organismos internacionais, que é cerca de 16 metros quadrados por habitante. São Paulo não chega



nem aos pés disso. Mas tem grandes torres. Mais uma coisa, então eu falo isso como moradora, como cidadã, como educadora, em nome dos alunos da Escola Caetano de Campos. E eu gostaria de fazer uma pergunta também: Quantos de nós aqui... eu já digo por mim, eu não tenho dinheiro para comprar um apartamento ali. E acho que a maioria de nós tem. Mas nós vivemos aqui. E eu acho que chega de ter renite, sinusite, e todas as "ites", e alguns médicos olharem para a gente quando a gente os procura, nós, professores, nos hospitais públicos, e eles dizem assim: "*Professora, sinusite tem cura, mude de São Paulo.*" E eu digo para ele: "*Não senhor. Sinusite pode ter cura em São Paulo.*" E pode. Se, por exemplo, várias dessas áreas, que o Eduardo Jorge disse, se transformarem em áreas verdes. Então eu gostaria de falar ao senhor Conde: passe para a história com o ato de transformar isso em um parque. Que é muito mais viável do que mais 4 torres para a cidade de São Paulo.

## APLAUSOS

**Antônio Fernandes:** Boa noite a todos. Assim como a professora Beth, eu também sou professor da escola pública, e gostaria de defender, aqui, a mesma linha de pensamento. Porque o que nós queremos é 25000 metros quadrados de área verde. Mas área verde realmente. Porque eles estão prometendo 82% de área... Retirado o excesso, para limpar, para não sei o quê. Não é isso que nós queremos. Nós queremos 25000 metros quadrados de um parque público, para que toda a população de São Paulo possa usufruir. E eu, assim como a professora Beth falou, eu gostaria de convidar os empreendedores a realmente mudarem a história. Aproveitem o grande projeto que vocês têm e utilizem dos imóveis que estão na região, que têm muitos imóveis disponíveis, que vocês podem apreciar a vista desse parque. Aproveitem. Só para concluir, eu gostaria de dizer o seguinte: o senhor Setin diz assim, que o projeto dele é ganha-ganha. Somente o verde que perde. Nós não podemos dispor de qualquer centímetro quadrado de área disponível do verde da Mata Atlântica. Aqueles 10000 metros quadrados que existem hoje, são originários da mata Atlântica. Eu acho que o senhor Abud sabe disso muito bem, como ele disse no livro. Como ele escreveu. O senhor Ubirajara também pronunciou que ele cuida muito bem do verde. Mas ele quer evitar a recuperação da mata Atlântica. Então o que nós queremos, turma, todos vocês, é recuperar essa área. É um projeto que recupere os 25000 metros de mata Atlântica. Então não podemos dispor dessa diferença. E ainda, para concluir, depois de todo esse bate papo aqui, de um lado muito mais avançado e preocupado com o marketing, será dito para seus clientes que pagarão a manutenção do parque? Vocês, corretores, vão dizer mesmo, para seus clientes que os clientes que estão comprando cada unidade, eles arcarão com o custo da despesa de manutenção desse parque? Se não vão falar isso, vão estar praticando um ato enganoso. Eu acho que vocês deveriam pensar muito bem nisso aí. E outra coisa, para finalizar, a cidade tem dinheiro, sim. Muito dinheiro. E todos nós sabemos disso. O que falta é distribuir de uma forma que todos possam usufruir.

## APLAUSOS



**Peter Gustavo:** Boa noite, gente. Salve. Tenho participado de projetos na periferia. Digo, é o mesmo sistema de conflitos. Eu não sou morador da região, mas os atores aqui, as pessoas, a população, empreendedores, poder público, estão todos envolvidos nesse mesmo processo. E o que eu vejo, na minha situação, é que as pessoas não conseguem enxergar que São Paulo cresceu muito. E na periferia é muito mais difícil você dizer para as pessoas que acabou ali. Porque antigamente, se falava assim: *“vamos fazer um parque aqui. O empreendimento vai ficar ali.”* Ou: *“vamos fazer o empreendimento aqui, o parque ficará ali.”* Hoje, não temos mais o ali. A cidade de São Paulo esgotou todos os seus terrenos. Não existem mais terrenos na cidade de São Paulo, gente. Todos seus limites já foram urbanizados. As últimas áreas em periferia estão sendo tomadas agora, por programas de habitação. A situação aqui, que nós vemos, é que a discussão do aqui entre todo mundo, ouvindo todo mundo, refletir na (incompreensível) cidade, questão das águas, questão das escolas, questão do verde, questão da educação, questão do trânsito, todas essas questões, agora, têm que ser colocadas aqui como reflexão de cidadania. Nós temos que aprender, agora, a se refletir. Olhar um o outro, ter o olhar para o outro, e saber que entre os empreendedores e o batuque existem vários matizes. Que todo mundo deve ser ouvido. Muito obrigado.

## APLAUSOS

**Érica Stali:** Boa noite. Eu sou médica. Trabalho na Unidade Básica de Saúde, aqui na Bela Vista. Moro nessa região também. E acho que é uma questão de saúde pública, a gente precisa de área verde. A gente precisa de parque. Para diminuir a violência, para ter segurança. Para as pessoas não terem medo. Nesse modelo desse projeto, como os outros que foram apresentados, como o Parque Higienópolis, é lógico que é conveniente para um grupo, uma porcentagem muito pequena da população. Muita gente fica excluída. A maioria. A maioria não entra lá, porque não vai ter dinheiro para ir tomar um café. E nem vai entrar com trajes para circular bem à vontade, no meio da turma. Não dá. Fica excluída. Individualismo leva a uma ambição, gente. A busca do dinheiro, se matar por trabalhar, só pensar em trabalho, trabalho, a ganância, o dinheiro... Não tem convívio mais com a família. A gente destrói a família, as crianças crescem sozinhas, os jovens estão sozinhos, vão se envolver com drogas, vão ficar despreparados para encontrar o caminho da vida. E nós estamos criando uma sociedade que tem, a Cracolândia, a exclusão. Lá na Cracolândia têm muitos de nós. Têm muitos de nós. Então nós temos a empregada doméstica, que é servil, e ainda não tem o direito dela que trabalha não sei quanto tempo, lá, dentro da casa de muitos. Que não têm tempo para passar no médico, que não se cuida, que fica deprimida, chorando, porque está envelhecendo, sozinha, não casou, não teve filhos, não tem uma vida própria. E quando eu falo de parque, quando o pessoal tem isenção tarifária, já chegar na certa idade, falam: *“toma o ônibus para o Ibirapuera, vai andar lá.”* Aonde que esse pessoal... o envelhecimento é uma coisa populacional, é realidade nossa. São Paulo é uma cidade doente, monstruosa, da qual nós fazemos parte. Para reverter isso, precisamos nos lembrar o que é coletivo. Eu não penso no individual. Eu não penso do meu bem, se eu vou cercar de segurança, de cara que vai ser treinado a dar uma gravata, não é isso. Eu quero circular à vontade. Já circulei em Oslo também. Não sei quantos lugares. Mas as pessoas têm a



grama, você deita, tendo dinheiro ou não, tendo roupa limpa ou não, tendo trocado de roupa ou não, você vai frequentar os mesmos lugares. Você vai frequentar os mesmos bancos. Em Buenos Aires, você não pode deitar. Um dia eu fui deitar e ler. Meu cachorro do lado. O segurança: *“Não pode deitar aqui. Fica de pé.”* Lógico, lá não circula morador de rua, quem está cansado não pode deitar. É desumano. Nós estamos numa cidade monstruosa. Aliás, vamos tomar cuidado, porque a gente envelhece sim, a gente aposenta sim, a gente não ter feito SUS, um dia cai no SUS. Eu posso ter um câncer, precisar de um benefício, de uma medicação e não sei o quê, daí vou cair no SUS. E nunca defendi o Sistema Único de Saúde. Eu nem sei o que está acontecendo, na consulta com o médico, com o clínico, para outubro estar fechado o agendamento nessa área. Então a gente não se preocupa se os adolescentes estão sendo orientados. Se esse parque vai servir para algum teatro, para levar uma música, para levar uma dança, uma capoeira, um jogo. Se de manhã, as pessoas de idade vão se misturar, todas as classes juntas. Vamos fazer exercício. Não é um grupo, eu não vou eleger, eu não selecionei ninguém. A gente não tem esse direito. A gente destrói essa cidade, esse ambiente. Que já está destruído. Para recuperar, a gente tem que se humanizar. Para recuperar, a gente tem que se enxergar. O que nós estamos fazendo com as pessoas que são nossos próximos? O que nós estamos fazendo? Não se enganem, gente. Eu tenho meus filhos. Eles não moram em São Paulo. Eles não querem. Felizmente. 23 anos e 19. Eles não pensam em morar em São Paulo. Eles moram em cidades muito urbanizadas, que têm muita área verde, que têm muita segurança e que as pessoas se misturam, no domingo à tarde, na praça, todo mundo cruza com todas as tribos. Todo mundo se mistura. De todos os níveis. É muito legal. Eles não moram em São Paulo. Sim, eu estou falando que a gente tem que pensar... Eu vejo na rua, gente, me dói o coração, mãe pensar que vai levar para o filho coisa que ela compra em shopping, que isso é bacana. Que isso, ela está levando amor para o filho. Não é isso não. Um dia, essa criança vai crescer, vai continuar querendo comprar coisa em shopping, e a mãe não vai mais ter tempo para ficar em casa, e vai ter que ter um monte de emprego. A família vai ter que fazer... Quando pode, o cara lá faz uma academia. Não vai ter um parque para poder andar. Para sentar junto e conversar. Para a turma se encontrar. Então, vamos humanizar. Vamos resgatar o que é vivo, o que é natureza. Isso é economia para a saúde pública. Esse dinheiro aqui é fichinha perto do que se vai economizar. A gente gasta muito dinheiro com remédio para depressão. A gente tem muita gente internada em hospital por tentativa de suicídio, com as neuroses, com o alcoolismo, com as drogas, com os abandonos. A gente tem muita gente de idade que os filhos nunca vão vir não tomam conta. Minha mãe não gosta de ir para Buenos Aires para andar, porque tem subida. No plano aqui, ela andaria numa boa. Então sei lá, eu acho que é assim: aonde a gente resgata a convivência da gente? Convivência familiar. Eu estou falando da gente resgatar o que que é humano, sim. Eu não vou comprar nada. Eu quero resgatar... Encontrar com todo mundo na rua, as pessoas que eu cuido, que eu trabalho. Eu vou a pé, volto a pé. Eu cruço com essas pessoas. Eu sei quem está frequentando a rua, quem toma conta de carro. Eu cruço com as pessoas. Mas a gente precisa... E seria lindo, parece um tanto tópico, mas, se a gente tomar... te der vontade de transformar isso em um cidade decente... Está na hora do governo, do Estado, chegar e oferecer para a gente, o que que realmente interessa para a gente. Ou então, se não podemos esperar deles, vamos nós, o que é escola, o que é saúde,



o que esse parque significa para a gente? Não é um parque para 5000 pessoas. É um parque para 50000. Tem que ter muito espaço para muita gente circular. Que maravilha todo mundo poder usufruir disso.

APLAUSOS

**Coordenadora Helena Magozo:** Agora eu vou chamar as pessoas que restam. Por favor, fiquem aqui, próximas, para a gente concluir as manifestações.

**Anita:** Boa noite. Meu nome é Anita, eu moro na Rua Marquês de Paranaguá, na frente do parque, sou moradora de lá, ao contrário de muita gente que é morador, mas mora em outra região. Gente, desculpa, Higienópolis, Cerqueira César, não é morador da região. Eu acho que todas as opiniões são legítimas, todo mundo pode ter a sua opinião e defender os eu lado. Só que tenham a decência de assumir que vocês estão aqui defendendo um interesse da construtora, os dois ângulos que elas trouxeram. E não se passem por moradores ou frequentadores da região. Assumam a posição de vocês. Aí todo mundo pode discutir e defender (incompreensível). Retrucando o que alguém falou aí, que entra no carro e vai trabalhar, eu vou para o trabalho a pé. Eu moro na Marquês de Paranaguá, trabalho na Paulista, eu subo a pé e eu desço a pé. Dizer que a área é perigosa, desculpa, não é. Eu ando com minhas cachorras na rua às 2:00 da manhã, às 3 da manhã, eu ando no Parque até às 11:00 da noite, só não ando depois das 11:00 da noite porque o portão é fechado e não tem como. O projeto de vocês é maravilhoso, levem para Cracolândia, lá vai (incompreensível)

(interrupção da plateia)

**Anita:** Não precisa! O nosso Parque não precisa! E quem a mais aqui vier falar, por favor, tenha decência, assuma que está defendendo o interesse da construtora e não se passe por morador da região e por frequentador do Parque.

APLAUSOS

**Augusto:** Eu também sou morador do bairro, desde que eu nasci. Tenho uma dúvida se é Consolação ou Vila Buarque ali, a Caio Prado na esquina. E desde que eu nasci eu moro aqui, e tenho três partes para falar, para ficar bem claro. A primeira é sobre a legitimidade desse momento, a segunda é sobre a resposta da Prefeitura, que eu cheguei com... quando eu cheguei eu estava vendo o Secretário falar que não tem quarenta milhões, e sobre a proposta. A primeira parte é a mais séria para mim, que diz respeito à legitimidade desse momento todo. Não posso acusar ninguém, mas se houver pessoas aqui que vieram pagas, me parece que isso talvez seja mais grave do ponto de vista formal, sei lá, do ponto democrático, até do que a discussão do Parque. Porque estão querendo provar o quê? Quer dizer, se ocorrer é possível ser muito bem investigado. Por isso eu peço a todos os cidadãos que ficaram revoltados, que inscrevam e peçam a apuração desse ponto em especial. Porque se é uma audiência pública, me parece que trazer pessoas pagas para se manifestar



é muito mais grave do que parece. É muito mais grave. Aproveito também, a questão da legitimidade e parcialidade, para pedir lugares na mesa para as pessoas da comunidade, não só da incorporadora e da Prefeitura. Por que a mesa é composta só por... Passei a parte de legitimidade. E rapidamente a parte da resposta da Prefeitura. Claro que o Senhor Secretário não tem quarenta milhões, se alguém tiver vai ser o município. Isso tem que ser discutido com mais clareza, não é assim: *“Eu não tenho quarenta milhões, vamos fazer outra coisa”*. O orçamento tem que ser exposto, essa coisa pode ser pensada com mais calma, o outro ano não tem. Esse imediatismo é estarrecedor e pode passar batido, é muito triste que muitas pessoas tenham ido embora e não tenham (incompreensível). Agora, a última parte, rapidamente porque está todo mundo cansado, é a magnífica proposta, faltou falar das fundações. Eu estou sabendo do lençol freático da Frei Caneca, que (incompreensível) há um bom tempo. Dos lençóis, a parte da fundação muito grave. Não se falou uma palavra da fundação do estacionamento (incompreensível) subterrâneo, que terá que ser feita por perfuração. As fundações para fazer um prédio desse, eu imagino que as fundações tenham bastante impacto. Igual desistir do ponto da legitimidade, isso é muito grave, chamar as pessoas... aliás chamar como? Eu fiquei sabendo ontem pelo Facebook. E quem veio contratado sabe muito melhor (incompreensível), está meio (incompreensível) algumas coisas para estar aqui. E é um desrespeito que eu... (incompreensível), se é que eu fale. Eu convoco todos os cidadãos para mandarem cartas à uma promotoria para falar. Se isso ocorreu, é realmente uma violação, se for uma violação o que que ser feito? Porque, para mim, parece que é uma fraude séria. É uma espécie de...

(interrupção da plateia)

**Augusto:** E para quem veio. Quando (incompreensível) podia pensar se isso é legal, (incompreensível) pensar nisso. Para quem contratou... Bom, obrigado.

APLAUSOS

(interrupção da plateia)

**Marise:** Boa noite, eu sou Marise. Eu moro ali na esquina da Consolação com a Maria Antônia, que é um prolongamento da Caio Prado. Primeiro, eu queria dizer que para qualquer pessoa hoje, que está no século XXI, alegar que o melhor que existe é construir naquele lugar em São Paulo, não é possível! Hoje, em São Paulo, para vocês terem ideia, a Rua Maria Antônia a partir das 5 da manhã, não dá nem para atravessar. Quando eu olho às 11 da manhã, você olha e você tem até medo, porque são três faixas de um lado, três faixas do outro e ainda uma de ônibus. Na verdade, é um corredor, aquele prolongamento vai para a Maria Antônia, que por sua vez tem os acessos aos hospitais ou Pacaembu, ela é um corredor. Fora isso, nós temos 42000, no mínimo, de pedestres, que veem para aquela região porque são estudantes. E dizer que aquela região ali, só tem estudante nos horários dos aposentados, não! É de manhã até à noite. Tem o SESC, tem o SENAC ali, têm as escolas públicas todas, tem as faculdades. Então ela, já, por si só, elas já estão congestionadas, não dá para atravessar a Rua Maria Antônia, a Consolação. Só correndo.



Então nós temos que... Eu nem chamo de Parque, eu chamo que ali deveria ser uma Reserva, para a gente lembrar como é que é uma mata, como é que é para os meninos, para os jovens. Eu queria também fazer lembrar que embaixo, eu soube em uma das caminhadas aqui no centro, existem pessoas que gostam muito do centro e que fazem caminhadas todas as quintas-feiras à noite, para ver as coisas bonitas e belas, que em algum momento a gente deixou de resgatar, a nossa história etc. Então nós tivemos lá, na última quinta-feira, o professor Sadala, e ele falou dos córregos e dos rios campanados, aqui de São Paulo. Então uma das coisas que eu perguntei para ele, ele falou muito do rio, por exemplo, do Córrego Saracura, e a margem direita dele passa embaixo do futuro Parque da Reserva Augusta, passa embaixo. Como vai ser essa fundação ali? Já estamos dizendo... as águas, elas de fato... Vem as águas do Higienópolis descendo, vem a Consolação, é simplesmente um dilúvio ali. Não dá nem para imaginar sair de casa e pôr o pé na Augusta ou pôr o pé na Consolação. Você é derrubado, mesmo, pela água. E outra questão que eu quero também fazer lembrar, e eu acho que está aqui o presidente do CONSEG, da nossa região, dizer que o investimento vai melhorar a segurança. Mas quem é que tem a ver com a segurança? Não são as polícias, não são as estruturas? Desde quando é que um investimento vai trazer segurança? *“Ah, a região está degradada.”* Claro, quem são os proprietários não cuidam. Se nós pudéssemos cuidar, nós estávamos lá com aquele monte de espaço, nós estaríamos lá cuidando. Não dá para cuidar, por isso que ele está degradado. Agora, tem um porém, Capitão Xavier, da 3ª Companhia nossa aqui, ele disse inclusive: *“Ah, senhores síndicos, cuidado com as vossas guaritas, cuidado com o hall da entrada.”* Quanto menos bonito mais interessante para o bandido, se a gente está aqui preocupado. Não é isso, não é o investimento que vai cuidar da nossa segurança. Nós é que temos que buscar a segurança. Nós é que temos que guardar e educar a única coisa que a gente tem. Mostrar aos nossos filhos, *“Olha aquela árvore, olha aquele pássaro.”* É só.

## APLAUSOS

**Sergio Rocha:** Inicialmente, boa noite aos componentes da mesa, a todos vocês do plenário. Meu nome é Sergio, eu sou engenheiro. Eu não tenho opinião formada a respeito do que está ocorrendo nesse 1 alqueire que vocês dispõem na região. 1 alqueire tem 24200 metros, em torno de 25000 metros. Agora, o que eu quero fazer aqui, para vocês, são algumas considerações. Primeiramente, eu vejo que existem opiniões, duas opiniões basicamente opostas, vamos dizer assim. Agora, é importante que nós entendamos que as opiniões podem ser opostas, vamos combater as opiniões, não as pessoas, e vamos respeitar as pessoas, independente da opinião que tiver. Eu acho que isso é muito importante. E é assim que a gente consegue chegar a alguma coisa. Eu vi também que... Também faço essa observação, todas as nossas opiniões, elas devem se basear em dados concretos, que a gente tem que levantar se não os tiver, não é? Então vamos levantar os dados concretos para, a partir daí, tomarmos algum encaminhamento, alguma decisão. E eu vejo que existem mais algumas componentes emocionais, assim, que saltaram aos olhos. Eu vejo, por exemplo, muitos reclamos em termos de ocorrências lá de assaltos, de estupros, não sei se tem ocorrido tanta coisa assim. Mas foi mencionado aqui assaltos, estupros, crianças de rua, enfim, insegurança. Então está bom. Que bom, já melhorou por não ter criança de rua. Mas



então... Nem assalto, nem estupro. Eu ouvi essas palavras aqui. Então isso está apagado do texto, apaguem isso, deletem isso. Agora, eu estou querendo dizer o seguinte, que insegurança, isso foi mencionado aqui, eu acho que essa insegurança existe em todos os lugares. E a degradação de uma região, ela decorre do abandono da região. Se vocês lembrarem, talvez vocês não tenham conhecido, eu conheci um pouco disso, o Jardim da Luz, era uma área nobre, que tem um patrimônio histórico lá, muito grande, e que está absolutamente degradado. Por que acontece a degradação? A degradação decorre da ausência do poder público. A degradação decorre da ausência do poder público. E onde existe ausência do poder público, existe a (incompreensível). A ausência do poder público é a causa fundamental para o... eu não digo de tudo, mas pelo menos dessa deterioração, e tem alguns outros detalhes também. Por exemplo, eu ouvi falar também, algumas perguntas assim: “*Por que puseram...*”, são duas perguntas que tem relação, “*Por que pôs no... Por que pôs na...*” Desculpa. Eu ia perguntar, por exemplo, são dois itens assim que tem muita correlação, “*Por que você pôs a mão no bolso (incompreensível)?*” Uma outra observação que foi feita, Prefeitura não tem dinheiro. Olha, esses dois itens tem uma relação muito próxima. Primeiro, que não cabe ao cidadão, (incompreensível) primeiro que o cidadão já põe a mão no bolso, e muito. E muito. A mídia tem divulgado que o brasileiro trabalha praticamente 5 meses para pagar tributos, (incompreensível). A Prefeitura por outro lado, a Prefeitura de São Paulo é o terceiro orçamento do país, só está atrás do orçamento da República e do orçamento do Estado. Tem dinheiro, sim. Tem dinheiro, sim! O que está faltando não é dinheiro. O que está faltando é aplicação adequada do dinheiro, um planejamento adequado e a participação do cidadão na definição das prioridades.

## APLAUSOS

**Sergio Rocha:** Isso é que está faltando. Segurança não é responsabilidade da gente. Quando se fala também que o empreendimento vai melhorar essa situação de insegurança, na verdade o que a gente está dizendo por trás disso? Nós vamos expulsar alguns fatores de insegurança daqui, esse empreendimento vai expulsar. Não é? E é o que a gente está vendo na cidade, as pessoas estão sendo expulsas das suas áreas. Outro ponto também que eu acho importante mencionar para vocês é o seguinte, fala-se que não há dinheiro, a Veja, de 20 de outubro de 2011, começou com uma manchete de capa, quem leu, quem viu esse exemplar... Você me permite beber um pouquinho de água? A gente começa a falar... Secretário, me permite usar um pouquinho do seu copinho aqui? Muito obrigado. A Veja, de 26 de outubro de 2011, publicou na sua reportagem de capa que a corrupção no país abocanhava a importância de oitenta e seis bilhões de reais, só oitenta e seis bilhões de reais. Isso é suficiente para nós acabarmos com a miséria no país. Isso é suficiente para nós construirmos 240 quilômetros de metrô. Lembrando-se que em 72, quando se começou a construir a linha norte-sul, a cidade do México também começou, hoje ela já tem mais de 300 quilômetros, nós estamos com um pouco mais de 70 quilômetros. Por isso, por isso, luto pela absoluta ausência do poder público na definição de uma política de transporte público de massa, acontece o que está acontecendo, 7 milhões de carros e por aí vai. Então este é o nosso problema efetivamente. Este é o nosso problema efetivamente. E não cabe ao empreendimento resolver esses problemas, isso é problema da competência do poder



público para o qual nós contribuimos regamente. Regamente. Então não tem o que... Determinados interesses, inclusive, mudam a legislação, mudam a legislação. Por exemplo, eu fiquei sabendo esses dias que as áreas construídas, destinadas à... é que me fugiu, vocês me perdoem. (incompreensível) assim, aquela área que a gente sai da sala de jantar, por exemplo...Pátios, pátios assim, aquele patiozinho ali, varanda e tal, pois é. Essas áreas são áreas construídas, pagam tributo, mas não entra para composição na área construída. Ou seja, pode-se botar mais área para cima, sem “desrespeitar o coeficiente de utilização do terreno”, que define limitação de área construída com uma determinada área de terreno. Então são modificadas isso aí, e nós vamos construindo essas torres e torres, e torres. Em prejuízo do que, foi mencionado aqui, o Meio Ambiente, nós realmente somos carentes de áreas verdes, nós somos carentes de parques. Eu recebi esse convite em uma reunião que tivemos ontem. Eu faço parte de um movimento que se chama SOS Parque da Água Branca, o que é isso? Parque da Água Branca é um dos poucos parques da cidade, e que tem uma ambientação tipicamente real, que está sendo dado um banho de loja, a partir do governo final aí, “tampão”, do Governo do Estado. Deteriorando totalmente aquela área para quê? Para que os empreendimentos imobiliários, que estão surgindo de frente para o novo Parque da Água Branca. Então eu quero... Nós já estamos destruindo a nossa cidade. Então é importante que nós tenhamos em mente que, por exemplo, eu vi... eu conheço o Parque (incompreensível) desde 48, eu devia ter uns 8 anos mais ou menos. Lá, os meus filhos conheceram, agora os meus netos também. E o Parque está desaparecendo. E isso está acontecendo com a cidade. Então é importante que, tanto o cidadão como os empreendedores, tenham em mente que nós precisamos preservar algumas coisas vitais para as gerações que vierem. Muito obrigado. Eu agradeço pela atenção que vocês me deram.

## APLAUSOS

**Jorge Valente:** Boa noite. Meu nome é Jorge, eu moro na Rua Cesário Mota, que é continuação da Caio Prado, é no outro quarteirão. Eu fico impressionado com a farsa da nossa sociedade. A farsa, que a gente contrata pessoas para virem apoiar um empreendimento comercial. A farsa das pessoas que vêm aqui na frente apoiarem isso. Um absurdo uma coisa dessas. Teve umas pessoas abrindo a boca ali: “*Puxa vida, eu estou aqui, só para ficar 2 horas...*”, uma cara dessa, o senhor continuou... É um absurdo. Eu queria lembrar uma coisa, a gente tem algumas pessoas inteligentes nesse país. O PT é a última esperança. O Frei Beto foi um dos membros do PT, ele diz na música (incompreensível) aqui, o senhor Eduardo Jorge deve conhecer, deve ser amigo pessoal do Frei Beto, um dos militantes do PT, que ele fala assim, que o sonho acabou. Quando o Lula, em 2002, fez aquele acordo, aquele acordo maldito com o Toninho Malvadeza, com o Zé Sarney, acabou. (incompreensível) O sonho acabou definitivamente. Então acabou. O Eduardo Jorge (incompreensível) do PT, foi para o PV e se rendeu para a Cultura, todo mundo sabe disso. É uma farsa esse país. Então é: “*Nós somos do Verde*”. Aí eles vêm a cada da proposta: “*Olha, eu proponho o fim da reserva, a gente podia mudar o nome do parque, Parque Reserva Antônio Conde*”. Ele ganha a área, ele não precisa de dinheiro. Armando Conde, desculpe. Ele não precisa desse dinheiro. A Cyrela é riquíssima. Agora, o



sonho realmente acabou, porque ele falava assim, o email do pessoal a favor do Parque: “O Eduardo Jorge, ele é contra. (incompreensível) do PT. Não, foi para o PV. O PT começou a incomodar”. Está tudo corrompido. O sonho acabou. Agora, eu ouvi uma coisa que eu não sabia, é a quarta proposta que vocês fazem diferente. E vem: “Olha, gente, veja bem, não é...”, como que era mesmo, doutora? 67... 82% de área verde. O problema do trânsito são os barzinhos. Vem cá, então tem que acabar com os barzinhos. As construtoras poderosas estão acabando com os barzinhos na Rua Augusta, em toda São Paulo. São Paulo está loteada. Kassab está rico, assim como o Maluf ficou rico com essa corrupção toda. Existe alguma... então vamos ser... o que nós precisamos? De verde. Quem é que é a favor do verde, levanta a mão. O verde (incompreensível) Não essa farsa que apresentaram aqui. Quem é que é a favor do cinza? São os demais. Não eram, não. Então vamos ser verdadeiros, chega de farsa. Gostaria de apelar uma última coisa, não estou falando em política, mas em religião, a dita religiosidade. Pensar o seguinte, tem um ser superior, pode ser católico, espírita, evangélico, Ele está vendo tudo isso e vai cobrar. Só vou lembrar a última coisa, existe um livro de um gênio chamado Akira Kurosawa, um filme, “Os sonhos”. A doutora conhece, quando chega lá e as usinas nucleares estouram tudo, uma mulher abraçando os filhos fala: “Mas, senhor cientista, o senhor disse que as usinas eram seguras, que a consultora era segura, que não ia perfurar o Parque. Como é que o senhor foi a favor?”. E aí estoura a usina, usina Angra 1, Angra 2, está tudo aí para estourar. Vamos fazer mais uma usina, e vamos construir, gente. É como dizia Vinicius de Moraes: “É preciso acabar com o verde”, ele satiriza. Vamos ser verdadeiros? Senhor Eduardo Jorge, encerra isso, pelo amor de Deus. Senhor Conde, vamos colocar o nome dele no Parque. E vamos fazer verde, chega de cinza, chega de farsa. Obrigado.

APLAUSOS

**Coordenadora Helena Magozo:** Eu queria passar a palavra final para os representantes da mesa. Só uma coisa, houve uma questão, uma pergunta do senhor Francisco, inclusive ele cobrou essa resposta, pediria para o Sr. Jaime responder à questão.

**Jaime:** Com relação à água e impermeabilizações. Então essa pergunta também foi feita pela Tatiane, essa dúvida. Dos estudos que foram feitos para implantação de uma obra desse tipo, são feitas sondagens de subsolo, são avaliados os níveis da água externos, dos internos. As escavações são alcançadas por intermédio de paredes diafragma colocadas ao longo de todo o perímetro do subsolo, não abaixo do verde, mas aonde vai ser feito o subsolo. A garantia de que o nível da água fora das paredes diafragma fica no mesmo nível onde está a outra. Avaliado...

(fala sem microfone)

**Jaime:** Não entendi.

(fala sem microfone)



**Jaime:** Não, não. Não, não, não existe esse princípio, porque as paredes diafragma vão até o material impermeável. Então não existe princípio de vaso comunicante quando você fala em material impermeável. Então no nível de fora, a água vai ficar no mesmo nível que está, e no nível debaixo, ela vai ser alcançada, ela corta o subsolo sem rebaixamento do lençol, sem rebaixamento. Esses níveis são avaliados durante a obra...

(fala sem microfone)

**Jaime:** A sondagem...

(fala sem microfone)

**Jaime:** Espera um pouquinho, vamos...

(fala sem microfone)

**Jaime:** Pois não.

(fala sem microfone)

**Jaime:** Eu não estou entendendo, tem que ter alguém lá com microfone.

(fala sem microfone)

**Jaime:** Sim.

**Francisco, agrônomo:** (fala sem microfone) de uma área de lençol, que vai ser afetado, sim, todo o sistema biológico existente, vivo, das árvores, da área total, entende? Essas árvores poderão, sim, serem afetadas por doenças e pragas oportunistas, e poderão também vir a morrer. Que é justamente o que todos nós, toda a comunidade...

**Jaime:** Certo. Eu gostaria de convidar vocês...

**Francisco, agrônomo:** (fora do microfone -incompreensível) Agora precisamos falar sobre isso com papéis...

**Jaime:** Eu sugiro, eu convido você...

(falas sobrepostas)

**Jaime:** Deixa eu responder a sua pergunta.

**Francisco agrônomo:** Pois não.



**Jaime:** Eu convido você, a Tatiana, e todas as pessoas que tiverem esse tipo de dúvida, a visitarem...

**Francisco agrônomo:** Eu não tenho dúvida...

**Jaime:** Não, não. A visitarem a nossa obra da Rua Pensilvânia, em que foi feito uma escavação do mesmo tipo. As árvores estão...

**Francisco agrônomo:** Vamos debater então, no momento...

**Jaime:** Em um momento adequado a gente pode debater.

**Francisco agrônomo:** Em um momento adequado, porque o que o senhor está falando não é o que eu estou perguntando. Você não tem conhecimento biológico para isso...

**Jaime:** Então deixa eu te falar uma coisa. Eu sou mestre em mecânica dos solos, e tenho pelo menos um pouco a mais de conhecimento do que você. Então eu acho, a gente não vai... Não vamos debater nesse nível. Eu não quero debater nesse nível com você. Eu estou disposto, a Cyrela, a Setin, os empreendedores, estamos dispostos a convidá-los ao debate. Isso foi colocado muito bem pelo (incompreensível), nós não estamos querendo colocar nada...

**Francisco agrônomo:** Mostre seus estudos, por favor, com relação ao nível biológico que existe ali, com relação às árvores, mostre.

**Jaime:** Você está convidado a conhecer a Cyrela, quando você quiser.

**Francisco agrônomo:** Eu não quero conhecer a Cyrela, eu já conheço a Cyrela. Eu quero conhecer os seus estudos com relação às obras.

**Jaime:** Então venha conhecer, venha conhecer os estudos.

**Francisco agrônomo:** Que poderão afetar o rebaixamento, propiciar rebaixamento do lençol freático acabar aos poucos com todas aquelas árvores que ali existem. Temos vários exemplos pela cidade, com obras da Cyrela também, é claro. E só para lembrar, o lagozinho do Parque da Água Branca secou por falta do lençol freático que rebaixaram. Hoje, ele é artificialmente mantido.

Oradora não identificada (fala sem microfone) Mas eu me lembro muito bem, porque eu morava naquele prédio bem em frente. Eu me lembro como era o terreno, ele tinha um bosque com árvores mais nativas da Mata Atlântica no fundo, ali perto da Avenida Portugal. E aí, ele já tinha, aquilo ali era uma coisa... uma obra embargada, ele já tinha vários subsolos construídos no meio da área de eucaliptos, que dava para a Santo Amaro. Então eu acho que a gente não pode tomar aquilo como base, porque é um terreno totalmente



diferente, já estava cavado, é uma região diferente. Ali a cidade (incompreensível). Então assim, eu quero saber o estudo daqui. (incompreensível) que é mais (incompreensível) da Avenida Paulista.

**Jaime:** Então deixa eu te responder. A obra da Rua Pensilvânia, ela foi aprofundada, os solos não ficaram naquela copa, o projeto foi todo readequado. Até, há pouco tempo atrás, estavam sendo medidos os níveis da água...

**Oradora não identificada:** E ainda tem que controlar?

**Jaime:** Lógico, lógico que sim. Você tem razão em dizer que o terreno da região da Avenida Paulista é uma região de terrenos argilosos. Argila vermelha, Avenida Paulista. Ultra impermeável, material mais impermeável que tem na cidade de São Paulo.

**Oradora não identificada:** E que escorrega e que tem deslizamento.

**Jaime:** Sim, sim. E ele tem a vantagem, por um lado, de você poder vedar como um vaso, quando você coloca um parede diafragma, e impedir que a água vá de um lado para o outro, tirando aquela tua dúvida de vasos comunicantes. Então você consegue vedar...

**Oradora não identificada:** Mas para que impermeabilizar?

**Jaime:** Não. Você consegue manter o nível da água fora da parede diafragma, nos níveis em que ela está hoje, só isso.

**Oradora não identificada:** Eu, da mesma forma, gostaria de convidar o senhor para ir um dia no meu apartamento, em um dia de chuva, para ver o quanto esse terreno absorve água, porque você vai ver que a água que desce pela Frei Caneca vira uma cachoeira, e a água que desce pela Augusta vira um ralo e cai tudo lá para dentro.

**Secretário Eduardo Jorge:** Amigos, nós já estamos já com quase 3 horas e meia. Eu quero então agradecer a presença de todos cidadãos, cidadãs. Vamos encerrar a nossa apresentação pública hoje. Aqueles que estavam no começo e ouviram a minha explicação da finalidade da apresentação pública, viram porque ela é feita. É claro que alguns, às vezes, usam o insulto no lugar de diálogo, mas isso é problema de formação de cada um de nós. Mas aos poucos essa cultura do debate, da transparência, da troca de idéias entre diferentes, vai avançando no nosso Brasil. É preciso que esse processo vá se formando. A Secretaria do Meio Ambiente, é claro que se eu tivesse que responder também as agressões em relação ao Governo, por exemplo, eu teria que falar mais também. Eu apenas digo que repilo-as, para ficar registrado na ata, não são verdadeiras. Mas não vou, aqui, fazer um debate desse tipo, porque não é o caso. Eu falei que a Secretaria do Verde veio aqui para ouvir, vocês vieram para falar e ouvir. Então a audiência, a apresentação pública, concluiu-se o seu processo. A Secretaria do Verde e seus técnicos continuam analisando, analisando a oportunidade, a capacidade orçamentária em relação a esse projeto. Isso é o



normal nesse processo. A Secretaria, a Prefeitura, o prefeito Gilberto Kassab agradecem a colaboração de vocês nesse debate, que é muito importante para a administração da cidade de São Paulo. Muito obrigado.

**Coordenadora Helena Magozo:** Obrigada.

**Coordenadora Helena Magozo:** E eu, Helena Magozo, Coordenadora Geral do CADES, lavrei esta Ata, que segue por mim assinada.

**Helena Maria de Campos Magozo**  
Coordenadora Geral do Conselho Municipal do Meio Ambiente e  
Desenvolvimento Sustentável - CADES